

**O PROEJA EM COMÉRCIO DO
INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA
- CAMPUS JÚLIO DE CASTILHOS
COMO UMA POSSIBILIDADE DE MUDANÇA
DE VIDA: A CONCEPÇÃO DOS EGRESOS.**

CASSIO SASSE DOS SANTOS

**ORIENTADORA:
PROF.^ª DRA. CATIANE MAZOCCHI PANIZ**

**COORIENTADORA:
PROF.^ª DRA. MARIA ROSANGELA SILVEIRA RAMOS**

O PRODUTO EDUCACIONAL

Este ebook é o **Produto Educacional** oriundo da pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-graduação - Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) - ofertado pelo *Campus Jaguari* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFar), na linha de pesquisa: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos da Educação Profissional e Tecnológica.

A referida pesquisa resultou na dissertação de mestrado intitulada “O PROEJA EM COMÉRCIO DO INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA - CAMPUS JÚLIO DE CASTILHOS COMO UMA POSSIBILIDADE DE MUDANÇA DE VIDA: A CONCEPÇÃO DOS EGESSOS.”

Com este ebook, nosso objetivo é transmitir/divulgar para a comunidade acadêmica (profissionais da educação e alunos) os resultados apresentados pelo **PROEJA em Comércio do IFFar - Campus Júlio de Castilhos** (através das concepções dos egressos que aceitaram participar da pesquisa), quanto as mudanças de vida que o curso promoveu. Ao valorizar a instituição e a rede EPT, buscamos dar maior visibilidade e incentivar a adesão do referido programa.

Trata-se de um pequeno recorte, mas através das concepções dos egressos, que são apresentadas, podemos ressignificar e entender a grande importância deste programa educacional que tem a missão de incluir, emancipar e resgatar a autoestima e a autonomia das pessoas; assim, promove a cidadania e a melhoria da qualidade de vida.

**O PROEJA EM COMÉRCIO DO
INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA
- CAMPUS JÚLIO DE CASTILHOS -**

**COMO UMA POSSIBILIDADE DE MUDANÇA
DE VIDA: A CONCEPÇÃO DOS EGRESSOS.**

AUTOR: CASSIO SASSE DOS SANTOS

**ORIENTADORA:
PROF.^a DRA. CATIANE MAZOCCHI PANIZ**

**COORIENTADORA:
PROF.^a DRA. MARIA ROSANGELA SILVEIRA RAMOS**

SUMÁRIO

1 MINHA RELAÇÃO COM A PESQUISA	3
2 ALGUNS ACONTECIMENTOS IMPORTANTES SOBRE A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL	4
3 A REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA E OS INSTITUTOS FEDERAIS	5
3.1 Os Institutos Federais: O que são?	5
3.2 O Instituto Federal Farroupilha	6
3.3 O <i>Campus</i> Júlio de Castilhos	6
4 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA À EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	7
4.1 O PROEJA Técnico em Comércio do <i>Campus</i> Júlio de Castilhos	8
5 TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO	9
6 AS DIFICULDADES, SUPERAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES DOS EGRESSOS DO PROEJA: O INSTITUTO FEDERAL COMO UMA POSSIBILIDADE DE MUDANÇA DE VIDA	11
6.1 Considerações Finais	22
REFERÊNCIAS	25

1- MINHA RELAÇÃO COM A PESQUISA

Trabalhadores e trabalhadoras, a partir da educação, qualificam e ressignificam suas vidas, em meio a resistências e lutas, contra formas de alienação e domínio que buscam padronizar a nossa existência. E nossa vida, enquanto pesquisador em um mestrado de Educação Profissional Tecnológica em rede nacional tem muita relação com esse pressuposto.

Assim como os egressos do PROEJA - Técnico em Comércio, de origem familiar composta de trabalhadores e trabalhadoras, que adentraram no curso em prol de novas perspectivas formativas, vencendo desafios, percebendo na educação importante papel para a luta por emancipação, também este pesquisador vem de uma trajetória de lutas para vencer os desafios de acesso à educação, para que permita o domínio da cultura socialmente produzida pela humanidade, uma vez negada para muitos como um direito essencial à vida em seu sentido pleno. Assim, este pesquisador, como forma de resistência, seguiu na luta estudando e trabalhando como todo filho de trabalhador que necessita batalhar em uma sociedade capitalista, permeada de contradições econômicas, políticas, culturais e sociais.

Em âmbito pessoal e profissional, este estudo emerge, inicialmente, da experiência enquanto Técnico Administrativo em Educação de uma instituição de ensino da rede pública federal na qual o autor trabalha há mais de 13 anos (Instituto Federal Farroupilha (IFFar) – Campus Júlio de Castilhos). Com trajetória muito sólida dentro da Rede de Educação Profissional e Tecnológica, sou exemplo de verticalização dentro da instituição, na qual ingressei aos 15 anos de idade, no ano de 2000, como aluno em um curso técnico profissional concomitante ao nível médio, em uma das poucas instituições federais de ensino do RS da época. Dentro do IFFar, ainda, realizei um tecnólogo (graduação) e uma especialização.

Até aqui, percebe-se a grande força de vontade, versatilidade e dinamismo que um filho de trabalhadores precisa ter para superar todas as dificuldades, angústias e incertezas impostas por esta sociedade capitalista. Creio que sem a oportunidade recebida, a persistência e a base/apoio da família, seria impossível. Assim, afirmo que através de uma formação omnilateral manifesta-se essa versatilidade e entendimento dos mecanismos do mundo do trabalho e da sociedade (os quais são cruéis), desenvolvendo cidadãos críticos, éticos e que criam e recriam suas vidas. E somente com investimento público na educação, para expansão e garantia da qualidade, com seriedade nos processos educativos para que a oportunidade chegue a todos, poderemos vislumbrar dias melhores e uma sociedade mais justa.

Talvez por eu sempre ter pertencido à classe trabalhadora, à qual os acessos ao ensino e aos direitos constantemente são negados, é que iniciei a relação de identidade que estabeleço com a EJA e a qual me desafiou a cursar, entre 2009 e 2010, a pós-graduação lato sensu – Especialização em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Especialização em PROEJA), ofertado através da parceria entre o Campus Júlio de Castilhos e a UFRGS.

Com trajetória muito sólida dentro da rede de Educação Profissional Tecnológica, vislumbrei em 2019 atingir um grande objetivo, um sonho, que era cursar um Mestrado dentro da Instituição/Rede, o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, na linha de pesquisa: Organização e Memórias de Espaços Pedagógicos da Educação Profissional e Tecnológica.

A imersão no mestrado nos possibilitou elementos para compreender o presente, quanto aos egressos do curso aqui sob análise, assim como uma maior compreensão da educação profissional e tecnológica (EPT) e da relação entre Trabalho, Educação e suas contradições, dadas as discussões pertinentes sobre as experiências vivenciadas de egressos e sua emancipação social e política.

Para além das necessidades do capital, ao pesquisar os egressos do PROEJA em Comércio do Campus Júlio de Castilhos, buscou-se observar seus efeitos na emancipação do cidadão-trabalhador, ao qual percorreram trajetórias formativas na perspectiva da formação integral, cujo objetivo principal é conquistar uma educação que emancipa e liberta. Embora as atividades que desempenho não se constituam em atividades de sala de aula, na docência, minha atuação como TAE e cidadão me permitem observar e refletir qual é o resultado, no que diz respeito à atuação de nossos egressos, os quais buscaram formação nesta instituição que tem como proposta a formação integral dos estudantes.

2- Alguns acontecimentos importantes sobre a Educação Profissional:

Através do Decreto-Lei Nº 7.566, de 23 de setembro de 1909 (presidente Nilo Peçanha), são criadas 19 escolas de artes e ofícios nas diferentes unidades da federação, com a finalidade de educar pelo trabalho (formação do caráter pelo trabalho), os órfãos, pobres e desvalidos a sorte, retirando-os da rua.

Em 1942, com a Reforma Capanema, são criados, para as elites, os cursos médios de 2º ciclo, científico e clássico (3 anos de duração), destinados ao preparo para o curso superior. Para a formação profissional de trabalhadores instrumentais, em nível médio de 2º ciclo, existiam o agrotécnico, o comercial técnico, o industrial técnico e o normal, que não davam acesso ao ensino superior. Para atender o paradigma taylorista/fordista, em 1942, que passava a exigir mão de obra qualificada, emerge o sistema de ensino privado, com a criação do SENAI e em 1946, o SENAC. Nesse período também são criadas as escolas técnicas, através da transformação das escolas de artes e ofícios

Com a LDB da Educação Nacional (lei 4.024/1961) é estabelecida a plena equivalência entre os cursos profissionais e os propedêuticos para fins de prosseguimento aos estudos.

Com a Lei Nº 8.948/1994, permitiu a transformação de Escolas Técnicas Federais em Centros Federais de Educação Tecnológica, com a finalidade de, além de ofertar ensino profissionalizante, inclusive em nível superior, realizar pesquisas e desenvolvimento tecnológico para criação de novos processos, produtos e serviços, em articulação com os setores produtivos e a sociedade.

Há a substituição do Decreto nº 2.208/97 pelo Decreto nº 5.154/2004 (alterado pelo Decreto nº 8.268 de 2014), resgatando e possibilitando a formação integrada da educação profissional com o ensino médio.

A Lei Nº 11.892 de 2008, instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (EPCT) e permitiu a criação dos Institutos Federais.

Em 2021 a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica passa a ter 670 unidades em todo o país.

A partir da expansão industrial, nos anos de 1930, e com o objetivo de atender demandas da política de industrialização por substituição de importações, elas se fortaleceram. Com a Lei Nº 378/1937, as Escolas de Aprendizes Artífices são transformadas em Liceus Industriais e, nos anos seguintes, tiveram alterada sua denominação para Escolas Industriais, com a responsabilidade de expandir o ensino profissional, em todo o território nacional.

No final dos anos de 1950, por meio da Lei Nº 3.552/1959, as Escolas Industriais deram origem às Escolas Técnicas Federais (autarquias). Com isso, intensificaram gradativamente a formação de técnicos: mão de obra indispensável diante da aceleração do processo de industrialização. Em virtude da qualidade de formação oferecida, as Escolas Técnicas Federais passaram a atender demandas de grandes empresas privadas ou estatais, nos anos de 1960-1970.

Com a lei 5.692/1971, todos teriam uma única trajetória, com a profissionalização compulsória no ensino médio. Tempo marcado pelo crescimento acentuado da economia, a euforia do “tempo do milagre” que demandava por força de trabalho qualificada no nível técnico. Proposta que caiu por terra com o parecer 76/1975, que restabelecia a modalidade de educação geral, consagrada pela lei 7.044/1982.

Em 1996, a LDB nº 9394 é aprovada e, no ano seguinte, o Decreto nº 2.208 regulamenta os artigos que tratam especificamente da educação profissional. A chamada “Reforma da Educação Profissional” é implantada dentro do ideário de Estado Mínimo, com fortes reflexos nas escolas federais de educação profissional do país.

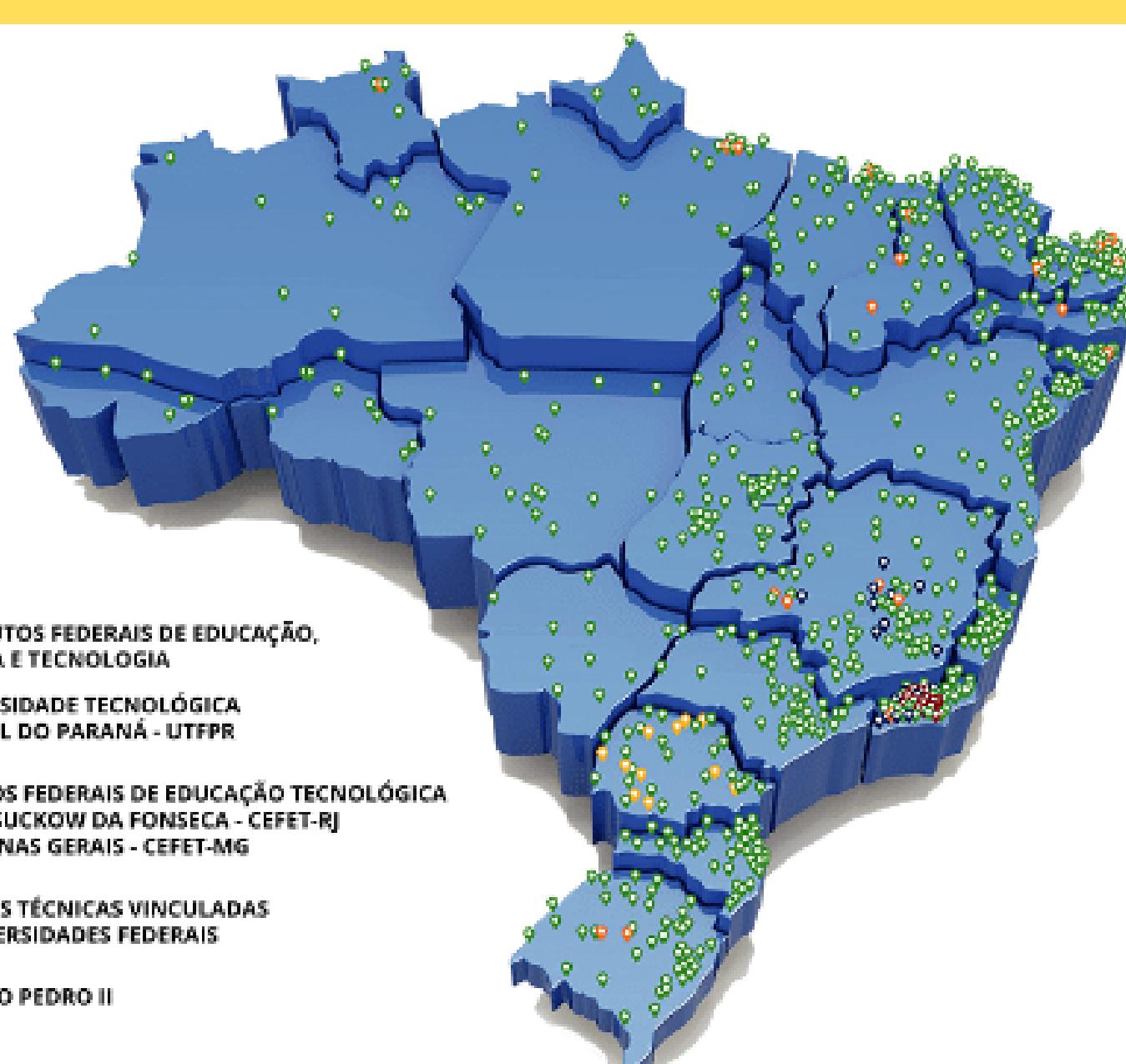
É instituído, no âmbito federal, o PROEJA, através dos decretos nº. 5.478/2005 e posteriormente alterado pelo Decreto nº 5.840/2006.

A Lei n.º 13.415/2017 promove a "reforma do Ensino Médio" e a Resolução CNE/CP nº 01/2021 redefine as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica.

3- A REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA E OS INSTITUTOS FEDERAIS

A Lei Nº 11.892/2008 instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (EPCT) e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, com a possibilidade da oferta de educação superior, básica e profissional, pluricurricular e multicampi (reitoria, campus, campus avançado, polos de inovação e polos de educação a distância), especializada na oferta de educação profissional técnica e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas, bem como, na formação de docentes para a Educação Básica. Especializados na oferta de EPT em todos os seus níveis e formas de articulação com os demais níveis e modalidades da Educação Nacional, oferta os diferentes tipos de cursos de EPT, além de licenciaturas, bacharelados e pós-graduação stricto sensu.

De acordo com informações obtidas no portal do Ministério da Educação (MEC), a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica é composta por 38 Institutos Federais, 02 Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFET), a Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), 22 escolas técnicas vinculadas às universidades federais e o Colégio Pedro II. Considerando os respectivos campus e unidades administrativas associadas a estas instituições federais, soma-se ao todo 670 unidades espalhadas por diversas cidades em todos os Estados e no Distrito Federal.



Fonte: MEC

3.1- Os Institutos Federais: O que são?

Os Institutos Federais (IFs) possuem autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar, caracterizando-se como uma instituição com natureza jurídica de autarquia. Equiparados às universidades, os institutos são instituições acreditadoras e certificadoras de competências profissionais, além de detentores de autonomia universitária.

Destaca-se pela amplitude de cursos ofertados desde a formação inicial e continuada de trabalhadores à cursos de pós-graduação e pela sua atribuição no desenvolvimento de soluções técnicas e tecnológicas por meio de pesquisas aplicadas e as ações de extensão junto à comunidade com vistas ao avanço econômico e social local e regional. Além do ensino verticalizado, outro diferencial é o alinhamento dos projetos de ensino, pesquisa e extensão aos arranjos produtivos locais e às demandas do mundo do trabalho, potencializando o desenvolvimento regional e gerando empregabilidade dos egressos, além de promover a inclusão.

Outro aspecto importantíssimo é o processo de interiorização da educação profissional através dessas instituições, especialmente, porque descentraliza a oferta educacional para municípios do interior, algo que antes estava concentrado em capitais e regiões metropolitanas.

Representam, em tese, uma revolução na educação profissional. Dos 38 IFs distribuídos por todos os estados brasileiros, 3 encontram-se no Rio Grande do Sul, sendo eles: o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS, com Reitoria em Bento Gonçalves; o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul Rio-Grandense – IFSul, com Reitoria em Pelotas e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – IFFar, com Reitoria em Santa Maria.

3.2- O Instituto Federal Farroupilha

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFar) foi criado pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, por meio da integração do Centro Federal de Educação Tecnológica de São Vicente do Sul, de sua Unidade Descentralizada de Júlio de Castilhos, da Escola Agrotécnica Federal de Alegrete, e do acréscimo da Unidade Descentralizada de Ensino de Santo Augusto que anteriormente pertencia ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Bento Gonçalves.

Atualmente está constituído por onze Campus, dois Centros de Referência e quinze Pólos de Educação a Distância (Barra do Quaraí, Cachoeira do Sul, Candelária, Frederico Westphalen, Giruá, Panambi, Ronda Alta, Rosário do Sul, Santiago, Santa Rosa, São Borja, São Gabriel, São Vicente do Sul, Sobradinho, Uruguaiana), com a oferta de cursos de formação inicial e continuada, cursos técnicos de nível médio, cursos superiores e cursos de pós-graduação, além de outros Programas Educacionais fomentados pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (SETEC/MEC). A Reitoria do IF Farroupilha está localizada na cidade de Santa Maria, a fim de garantir condições adequadas para a gestão institucional, facilitando a comunicação e integração entre os campus. A figura abaixo apresenta sua abrangência:

- 1. Reitoria
- 2. Campus Alegrete
- 3. Campus Frederico Westphalen
- 4. Campus Jaguari
- 5. Campus Júlio de Castilhos
- 6. Campus Panambi
- 7. Campus Santa Rosa
- 8. Campus Santo Ângelo
- 9. Campus Santo Augusto
- 10. Campus São Borja
- 11. Campus São Vicente do Sul
- 12. Campus Avançado Uruguaiana

Centros de Referência

- c. Santiago
- d. São Gabriel

Fonte: Site institucional

A oferta de cursos em todas as modalidades e níveis de ensino tornou o Instituto Federal Farroupilha um espaço ímpar de oportunidades educacionais, seja pela possibilidade de profissionalização qualificada, seja pela perspectiva de elevação da escolaridade, ambas fundamentadas nos princípios da inclusão, da interiorização e da educação integral, emancipatória e humanizadora.

Nesse contexto, em seguida, apresentamos o campus Júlio de Castilhos, o qual oferta o curso PROEJA em Comércio que é objeto do presente ebook.

3.3- O Campus Júlio de Castilhos

O Campus Júlio de Castilhos iniciou suas atividades em 25 de fevereiro de 2008, quando denominava-se Unidade de Ensino Descentralizada (UNED) de Júlio de Castilhos, vinculada ao Centro Federal de Educação Tecnológica de São Vicente do Sul, tendo sua sede localizada no interior (São João do Barro Preto) do município de Júlio de Castilhos, na RS 527 - Estrada de acesso secundário para Tupanciretã, a, aproximadamente, 7 km do centro do município, na Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense, ocupando uma área total de 42 hectares, incluindo um parque florestal. Foi implantado na Fase I da Expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, inaugurado em 29 de maio de 2008. Através da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, tornou-se o *Campus Júlio de Castilhos*.



Fonte: Site institucional

No entanto, cabe salientar que, antes da implantação desta Instituição de Ensino, o local já era utilizado para fins educacionais, pois no ano de 1961, foi fundado um grupo escolar denominado "Centro Cooperativo de Treinamento Agrícola", que buscava formar jovens para trabalhar no meio rural. Já em 1988, sob administração municipal, foi implantada a Escola Municipal Agropecuária Júlio de Castilhos, atendendo alunos de 5^a a 8^a séries do ensino fundamental integrado ao ensino agrícola. Alguns anos após houve o fechamento da Escola Municipal, então, em 2007, os Governos Municipal e Federal viabilizaram a implantação de uma Instituição de Ensino Profissional e Tecnológico no município, inicialmente, através do Centro Federal de Educação Tecnológica de São Vicente do Sul.

Nossos alunos matriculados, sendo, em sua maioria, oriundos da região, cuja atividade econômica depende, predominantemente, do setor agropecuário, destacando-se o cultivo de soja, trigo, a criação de gado e todas as logísticas que envolvem as atividades.



Destacamos também a existência de áreas de Assentamentos Rurais, provenientes da Reforma Agrária com predomínio da atividade agropecuária voltada à subsistência e à comercialização local.

No campus, as atividades são distribuídas em três turnos, oferecendo cursos que atendem modalidades de nível fundamental à pós-graduação, através de cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC); cursos técnicos integrados de nível médio regular e na modalidade PROEJA; cursos técnicos subsequentes; cursos superiores e de pós-graduação, organizados em cinco eixos tecnológicos: Gestão e Negócios; Informação e Comunicação; Recursos Naturais; Produção Alimentícia; Desenvolvimento Educacional e Social. O quadro abaixo apresenta os cursos ofertados no campus:

Nível	Cursos ofertados	Vagas ofertadas/ano
Técnicos Integrados	Técnico em Agropecuária	70
	Técnico em Informática	60
	Técnico em Comércio (PROEJA – Nível Médio)	35
	Assistente em Operações Administrativas (PROEJA FIC - Nível Fundamental)	35 – 40
Técnicos Subsequentes*	Técnico em Agropecuária***	35
	Técnico em Alimentos	30
Bacharelados*	Administração	35
	Agronomia**	40
Tecnologia*	Gestão do Agronegócio	35
	Produção de Grãos***	30
Licenciaturas*	Ciências Biológicas	30
	Matemática	35
Pós-Graduação Lato sensu / Especialização	Gestão Escolar	35 a cada dois anos
	Práticas Educativas em Humanidades**	40 a cada dois anos

* O processo seletivo utiliza a nota do Enem para classificação.

** Curso aberto a partir de 2021.

*** Curso em extinção em 2021

Quadro 1 - Cursos ofertados

Destacamos o Eixo de Gestão e Negócios, que apresenta uma verticalização do ensino fundamental ao superior, através dos cursos: Assistente em Operações Administrativas - Nível Fundamental (Formação Inicial e Continuada - PROEJA FIC); Comércio - Técnico Integrado de nível médio na modalidade PROEJA (curso explorado na pesquisa) e Bacharelado em Administração - Nível Superior.

4- EDUCAÇÃO PROFISSIONAL INTEGRADA À EDUCAÇÃO BÁSICA NA MODALIDADE DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Na esperança de políticas públicas capazes de restabelecer o convívio social e dignidade, uma grande parcela da população acaba à margem da sociedade, excluída do processo formativo na idade obrigatória devido à descontinuidade de políticas públicas. Por meio do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA, procura-se avançar na oferta da Educação de Jovens e Adultos, permitindo a homens e mulheres que não terminaram seus estudos na dita “idade própria” a conclusão do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio ao mesmo tempo em que se profissionalizam por meio de um curso de qualificação (ensino fundamental) ou de um curso técnico (ensino médio).

Pensado especificamente para a realidade do público de EJA, não se tratam de duas formações separadas e sim parte de um projeto único, integrado. Trata-se de um projeto educacional que tem como fundamento “a integração entre trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura geral com a finalidade de contribuir para o enriquecimento científico, cultural, político e profissional como condições necessárias para o efetivo exercício da cidadania” (BRASIL, 2007b, p.5).

A modalidade de ensino PROEJA, tem como principal referência à inclusão social emancipatória. Os objetivos, princípios e concepções do programa foram elaborados e publicados nos Documentos Base do PROEJA, elaborados pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), em que expõe os princípios e concepções que devem fundamentar o Programa e as formas de organização para um currículo integrado. Para pensar esta política como projeto educacional, estes documentos apresentam importantes contribuições.



O PROEJA tem seus alicerces “na convergência de três campos da Educação que consideram: a formação para atuação no mundo do trabalho (EPT); o modo próprio de fazer a educação, considerando as especificidades dos sujeitos jovens e adultos (EJA); e a formação para o exercício da cidadania” (BRASIL, 2007, p. 27). E quanto à questão do trabalho, assume como concepção em seu documento base, ao destacar: “A educação é, nesse sentido, o processo de criação, produção, socialização e reapropriação da cultura e do conhecimento produzidos pela humanidade por meio de seu trabalho” (BRASIL, 2007b, p. 31).

Para o exercício pleno da cidadania, buscamos apontar que a Educação Profissional de jovens e adultos, integrada ao ensino básico, busca a igualdade, a transformação social, a liberdade e a autonomia do cidadão.

Parte-se do entendimento de que o PROEJA leva em conta a bagagem trazida pelos educandos, diferenciando-se do modelo tradicional de transmissão do conhecimento. Valores importantes da formação humana precisam ser levados em conta e não podem ser deixados de fora da sala de aula, através de abordagens e caminhos para uma educação mais próxima da participação cidadã, da autonomia e da afetividade.

O PROEJA é um passo importante para a formação de sujeitos éticos, autônomos, críticos, com maior autoestima, preparados para o mundo do trabalho, para que se tornem capazes de desenvolver suas potencialidades nas áreas escolhidas, de forma que essa formação profissional não os deixe subordinados e submetidos à exploração e acumulação da economia capitalista, mas para sua emancipação de ser criativo frente às adversidades que mundo lhe impõe.

Atualmente, na realidade das instituições de ensino, através das políticas educacionais, existe um silenciamento da EJA e do PROEJA, precarizando o resgate dos jovens e adultos excluídos da escola e do mundo de trabalho. Com base no disposto na Lei nº 9.394/96, no Decreto nº 5.154/2004 (alterado pelo Decreto nº 8.268/2014) e na Lei nº 13.415/2017 (reforma do Ensino Médio), a Resolução CNE/CEB nº 1, de 28 de maio de 2021, institui Diretrizes Operacionais para a EJA nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e Educação de Jovens e Adultos a Distância, evidenciando e potencializando a dualidade educacional histórica de nosso país.

4.1- O PROEJA Técnico em Comércio do Campus Júlio de Castilhos

Em 2010, dentro do Eixo de Gestão e Negócios, foi implantado o curso Técnico em Comércio integrado ao nível médio, na modalidade de ensino PROEJA, através do ato de criação de Resolução CONSUP Ad Referendum nº 001, de 22 de fevereiro de 2010, que autoriza o funcionamento do curso. Noturno, com duração de três anos e carga horária de 2400 horas, o curso oferta 35 vagas por ano e através dele pesquisamos a trajetória profissional e as mudanças de vida que o curso promoveu aos egressos.



De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), o PROEJA em Comércio atendeu os anseios da comunidade, bem como propôs a verticalização das nossas ofertas de cursos dentro do eixo de Gestão e Negócios. Em sua construção, previamente, foi realizada uma audiência pública na comunidade de Júlio de Castilhos. A área de serviços foi a mais solicitada pelos participantes desse evento (IFFAR, 2020).

Ao se propor um curso de PROEJA na área de comércio, pretende-se modificar e fortalecer elementos de tal realidade. Nesse sentido, o grupo de educadores busca neste curso contribuir para uma sólida formação integrada, compreendendo uma formação geral e conhecimentos específicos das práticas profissionais. Desta forma permitindo uma compreensão da cultura e do significado das relações comerciais no mundo globalizado. Portanto, pretende-se possibilitar ferramentas para que homens e mulheres elevem seu nível de compreensão sobre a natureza e a sociedade e, particularmente sobre o mundo do trabalho como dimensão fundamental de sua existência (IFFAR, 2020).

Objetivo Geral: Proporcionar aos jovens e adultos a oportunidade de concluírem o Ensino Médio integrado a uma formação profissional, permitindo que construam seus próprios caminhos de inserção profissional assumindo uma ação socioambiental e de responsabilidade na busca da qualificação e o exercício da cidadania transformadora (IFFAR, 2020).

Objetivos Específicos: - Promover um ambiente que facilite a aprendizagem, que aponte para a resolução de problemas e desenvolva o senso de coletividade; - Permitir o desenvolvimento de competências que possibilitem a reflexão permanente sobre a prática de forma interdisciplinar e contextualizada; - Viabilizar a articulação das experiências de vida com os saberes escolares e profissionais, ampliando sua inserção no mundo do trabalho; - Proporcionar a construção de conhecimentos que permitam promover o desenvolvimento pessoal e profissional, com perspectiva de educação continuada visando à inclusão social; - Instruir para a atuação na área do comércio com base em princípios éticos e de maneira sustentável colaborando para o desenvolvimento regional (IFFAR, 2020).

5- TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO

É necessário discutirmos, considerando a educação de jovens e adultos, a questão da educação profissional, bem como aspectos sobre o trabalho como princípio educativo, para que se aproxime do objeto de estudo, no sentido de permitir a reflexão do se trata uma educação integral libertadora.

Milhares de pessoas ingressam muito cedo no mercado de trabalho e não conseguem enxergar a serviço de quem e/ou do que está. Sem motivações ou incentivo acabam gerando uma legião de contingentes que ficam à margem da sociedade, longe dos bancos escolares e sem perspectivas. Não havendo outra opção, acabam explorados, ou melhor, engolidos pelos mecanismos do capitalismo.

Ao capital interessa a mão de obra de baixo custo e que se limita a desempenhar tarefas, preferencialmente, em atividades que impossibilitem desenvolver seu senso crítico-reflexivo. Nessa concepção, a sociedade capitalista se sobrepõe, deixando o ser humano em segundo plano, como objeto de produção, sem a garantia de condições de vida digna.

Entender as contradições do mundo do trabalho tornou-se primordial para compreender a divisão social do trabalho e as relações de dominação em nossa sociedade. Sem se reconhecer como classe trabalhadora, sem o reconhecimento do sentimento de pertencimento e excluído dos processos educativos, dificilmente um trabalhador consegue compreender as relações de poder presentes no mundo do trabalho. O trabalho torna-se, portanto, um instrumento de opressão, sem dar ao trabalhador, a margem para desenvolver suas potencialidades e de desenvolvimento humano.

Considerando a necessidade de integrar a Educação Básica e Profissional, ao agregar o conhecimento científico e prático, o programa EJA EPT traz o trabalho como princípio educativo. O trabalho como princípio educativo implica reconhecer o trabalhador como sujeito, capaz de pensar, criar e recriar no trabalho as suas condições de produção e subsistência, e não mais como mero executor de funções e tarefas. Neste sentido, conforme Ciavatta (2005, p.84), buscamos enfocar “o trabalho como princípio educativo, no sentido de superar a dicotomia trabalho manual/intelectual, de incorporar a dimensão intelectual ao trabalho produtivo, de formar trabalhadores capazes de atuar como dirigentes e cidadãos”.

Na formação profissional deve estar contemplado esse processo de emancipação e consciência que, sendo assim, deverá ter correlação direta com a melhoria das condições de vida, permitindo melhores condições de renda e desalienação.

Kuenzer (2007) afirma que trabalhar com o conceito mais amplo de educação de modo que incorpore todas as formas educativas que ocorrem no interior das relações sociais, inclusive o trabalho, com o objetivo de formar o cidadão como ser político e produtivo, implica reconhecer que cada sociedade, em cada época, dispõe de formas próprias para formar seus intelectuais. Estas formas próprias são o que Gramsci chama de princípio educativo.

O planeta é o espaço de aprendizagem nos dias de hoje. Diante das novas tecnologias, é muito difícil encontrar metodologias adequadas que garantam ao mesmo tempo interesse, participação e entrosamento dos alunos, assim como a contextualização dos conteúdos e a apropriação do conhecimento científico que tende a envolver conteúdos abstratos no qual o aluno enfrenta dificuldade em fazer a relação com a sua vida cotidiana. Necessitamos, enquanto educadores, de nos apropriarmos de um conhecimento científico e filosófico sobre o mundo do trabalho, adaptando-o para a realidade dos alunos para que estes possam assimilar ativamente estes conteúdos.

Devemos oportunizar condições para que os alunos se tornem cidadãos que atuem e pensem por si mesmos, para que se tornem pessoas livres de manipulações e que consigam ter a capacidade de pensar e refletir criticamente às situações que lhes são apresentadas e a realidade social que vivem. Este movimento de compreensão do mundo implica em ações de discussão e de investigação para a assimilação de funções mentais que garantam ao indivíduo a possibilidade de desenvolvimento. Para tanto é preciso o estabelecimento de relações, experiências, possibilitando reflexões, para que se construam pontos de vista para um pensar crítico e comprometido com a realidade em que vive.

O processo de conscientização, a participação social e política, a rebeldia contra o cotidiano que explora, tem papel bastante importante na luta contra a alienação. Uma educação libertadora para gerar tomada de consciência de classe e a revolução são as únicas formas para a transformação social. Mudança e transformação, quebra de paradigmas, avanço na autonomia, na responsabilidade, na solidariedade, exigem coragem, ação, equilíbrio, enfrentamento e mobilização com ousadia. Neste sentido, Snyders (2005) destaca que Escola é terreno de luta entre a classe dominante e a classe explorada; ela é o terreno em que se defrontam as forças do progresso e as forças conservadoras. O que lá se passa reflete a exploração e a luta contra a exploração. A escola é, simultaneamente, reprodução das estruturas existentes, correia de transmissão da ideologia oficial, domesticação, mas também ameaça à ordem estabelecida e possibilidade de liberação.

A escola tanto poderá se constituir instrumento de resistência para negar a dominação, como também poderá contribuir para esta dominação do sujeito trabalhador, a favor da ordem capitalista. Para reduzir a desigualdade do processo educativo busca-se a chamada escola unitária, omnilateral.

É preciso aprofundar a construção de conhecimentos relacionados à relação trabalho e educação, suas contradições e dilemas no cenário do capitalismo atual, que, mesmo modificado, complexificado, continua perpetuando a divisão social do trabalho e o antagonismo entre as classes trabalhadoras e detentoras do poder econômico. Acredito que somente com uma educação integrada, de qualidade e gratuita para todos, poderemos construir um profissional qualificado para o mundo do trabalho e ao mesmo tempo uma pessoa cidadã plena, crítica e emancipada, capaz de fazer uma leitura consciente de mundo.

É necessária a inversão desta realidade onde o trabalho surge como princípio de desumanização, de maneira em que o trabalho se torne princípio educativo. Defendemos uma educação integrada, libertadora e emancipadora, assim, demonstramos que não compactuamos com este “sobreviver precário” e a desumanização da sociedade que vem aumentando, gerados pelas relações do mundo do trabalho e da organização da produção, impasse causado pela globalização do capital, onde uma determinada classe social organiza o sistema produtivo de forma a reproduzir seu domínio social e a opressão e alienação dos trabalhadores.

Sujeitos emancipados, criativos e com leitura crítica, terão condições de lutar por justiça social, igualdade efetiva, cidadania e democracia.



6 - AS DIFICULDADES, SUPERAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES DOS EGRESOS DO PROEJA: O INSTITUTO FEDERAL COMO UMA POSSIBILIDADE DE MUDANÇA DE VIDA.

Dos 31 egressos que participaram da pesquisa, 23 são do sexo feminino e 8 do sexo masculino. Destes, 12 residem no município de Júlio de Castilhos, 15 em Tupanciretã e 4 em outros municípios, com as seguintes idades:

Idade:	Quantidade de Egressos (31):
Entre 18 a 21 anos	0
Entre 22 a 30 anos	11
Entre 31 a 40 anos	10
Entre 41 a 50 anos	5
Mais de 50 anos	5

Quadro 2 – Idade X Quant. Egressos (Fonte: o autor).

O ensino fundamental foi realizado nas escolas públicas por 100% dos egressos pesquisados, sendo 17 na EJA/Supletivo e 14 no ensino regular. Dos 31 egressos, 7 possuem curso superior e 5 estão em andamento; e dos 19 que não possuem graduação, 4 pretendem realizar e 3 interromperam.

Referente ao estado civil e quantidade de filhos, segue o quadro abaixo:

Estado Civil:	Quant. Egressos:	Filhos por egresso:
Solteiro(a)	15	- 6 não possuem filhos; - 4 possuem 1 filho; - 4 possuem 2 filhos; - 1 possui 3 filhos.
União Estável	5	- 1 não possui filho; - 2 possuem 2 filhos; - 1 possui 3 filhos; - 1 possui 5 filhos.
Casado(a)	9	- 4 possuem 1 filho; - 4 possuem 3 filhos; - 1 possui 4 filhos.
Separado(a)	2	- 1 possui 1 filho; - 1 possui 3 filhos.

Quadro 3 – Estado Civil X Quant. Filhos / Egresso (Fonte: o autor).

Há de se considerar o cotidiano dos egressos que passaram por todo processo de formação através do PROEJA e levando-se em conta o trabalho como princípio educativo, foram indivíduos que buscaram essa formação profissional, em um contexto de ensino integrado, por elencarem como necessidade social a recuperação do tempo perdido e por estabelecerem uma perspectiva de melhoria de vida. São sujeitos coletivos que se submeteram ao retorno escolar para apropriar-se dos conhecimentos escolares que lhes foram negados, ou não aproveitados, em idade regular.

Considerando as lutas travadas pelos egressos/trabalhadores para que eles sejam reconhecidos como sujeitos políticos, de culturas e saberes, colocamos a educação e o trabalho no pódio, como atividades fundamentais para a construção da humanidade, no processo de criação e transformação humana, sendo responsáveis pela própria constituição e formação do ser social.

As experiências por si sós, ou ainda uma educação desinteressada, não determinam a formação humana integral e as necessidades da vida, daí a importância de uma formação integral e de base científica aos sujeitos, ao contrário da pedagogia das competências e da formação pragmática. Trata-se de se entender que a formação desligada da vida dos sujeitos, somente de ordem dita teórica, entendido para além das razões de mercado, não consegue dar conta das necessidades humanas, sendo necessário que a base científica se integre à vida, constituindo-se significativa para a atuação no mundo, quer do ponto de vista técnico, econômico, político, organizacional, cultural e social.

Por fim, consideramos que cada sujeito é formado pelas relações pessoais e sociais que lhes são socializadas, assim criam e recriam suas necessidades e maneiras de enxergar o mundo frente à sua ação humana, em uma relação repleta de singularidades com as demandas do mundo do trabalho, materializadas em criações, ressignificações, intervenções e práxis.

Com referência à relação Estudos X Mundo do trabalho:

Estudos X Mundo do trabalho	Quant. Egressos
Trabalha e estuda.	4
Só estuda.	4
Só trabalha.	17
Não trabalha e não estuda.	6

Quadro 4 – Estudos X Mundo do trabalho (Fonte: o autor).

Referente ao mundo do trabalho, demonstramos as respostas conforme quadro abaixo:

Você trabalha?	Quant. Egressos	Cargo/Função:
Não	10	- 2 responderam que são Donas de casa; - 4 estudam.
Servidor Público	3	- Guarda municipal; - Servente; - Operário.
Sim, autônomo / sem carteira assinada.	9	- 2 vendedoras de vestuário; - Dolar; - Diarista; - Confeiteira - Auxiliar administrativo; - Estagiária no Banrisul; - Pastor; - Outra (não informado).
Sim, com carteira assinada.	8	- Vendedor; - Doméstica; - Agente funerário; - Babá; - Auxiliar de produção (frigorífico); - Cozinheira; - Auxiliar de carga e descarga; - Outra (não informado).
Sim, empresário/microempresário.	1	- Vendedora.

Quadro 5 – Trabalho X Função (Fonte: o autor).

Para cada questionamento com múltiplas escolhas, foram abertos espaços para acréscimo de opções e observações. Quando perguntado do tempo sem trabalho e o motivo:

- Sou impedido de trabalhar por minha deficiência.
- Era agricultora. Agora moro na cidade.
- 9 anos, motivo saúde, e por meus pais idosos terem vindo morar comigo, o pai a 4 anos falecido, e a mãe continua morando comigo.
- Menos de 1 mês demitida por falta de renda do empregador.
- Dois anos, não conseguia.
- 3 anos. Motivo: Filhos pequenos.
- 2 anos.
- Por causa da minha deficiência auditiva eu acabei sendo aposentada pelo governo.
- 5 meses por motivo da pandemia.
- Por falta de oportunidade.

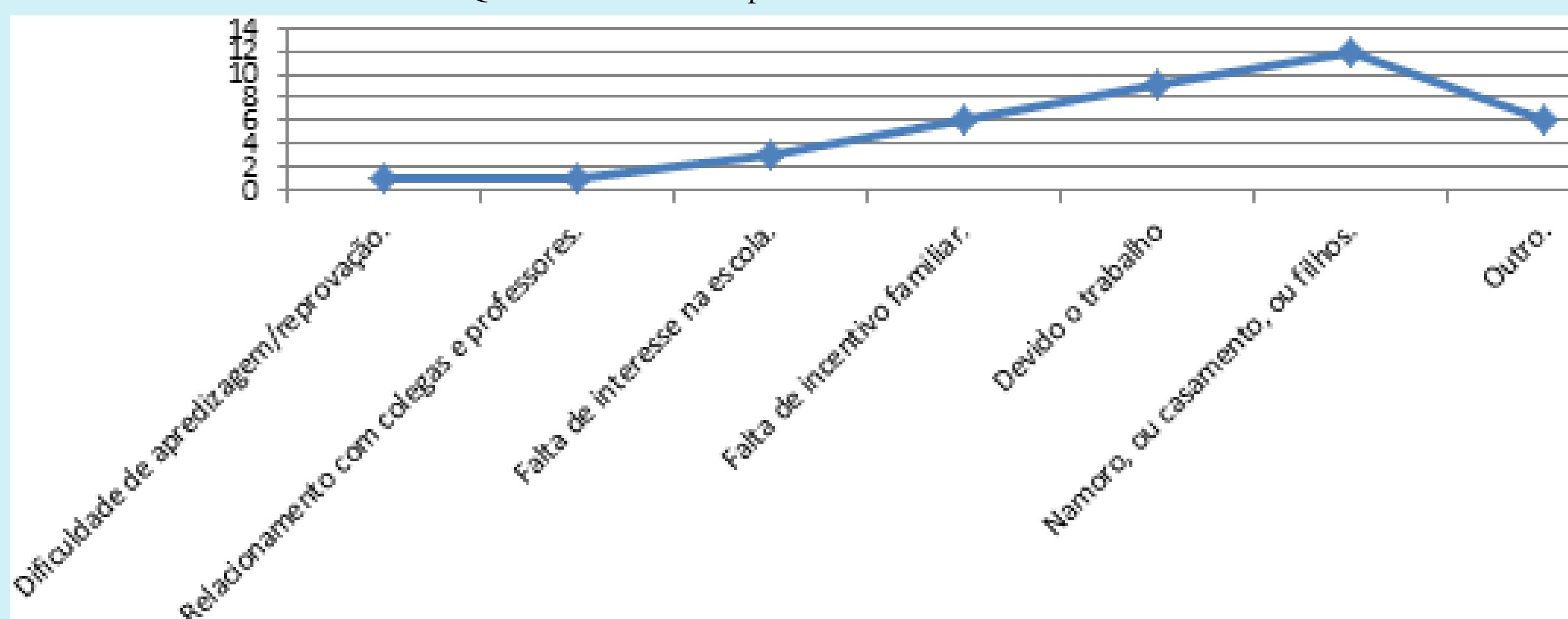
Quadro 6 – Tempo sem trabalho X Motivo (Fonte: o autor).

Decorrente do processo da reestruturação produtiva e econômica, promovida pela globalização do capital, milhares de brasileiros sofrem com a falta de oportunidades ou acabam explorados em subempregos com ocupações precárias e baixa remuneração. As novas relações de trabalho impostas pelo sistema capitalista, transformado devido às mudanças tecnológicas, impõe um novo tipo de trabalhador, flexível, com novas competências e habilidades. Logo, aqueles que não se enquadram no perfil exigido pelo mercado sofrem com a falta de oportunidades de trabalho, são excluídos, gerando na sociedade uma legião de marginalizados, que buscam no improviso, maneiras para sobreviverem.

Portanto, política pública como o PROEJA representa um passo importante para o resgate desse contingente. Trata-se de oportunizar para este segmento da sociedade a inclusão, ou melhor, a correção de muitas injustiças sociais impostas desde a concepção da sociedade, herdadas pelas relações hegemônicas dominantes.

Quanto aos motivos que levaram os egressos pesquisados do PROEJA em Comércio a desistirem de frequentar a escola no tempo regular, obtemos as seguintes respostas demonstradas no gráfico 1:

Gráfico 1: Quantidade de respostas X Motivos das desistências



Os outros motivos citados que levaram a desistirem de frequentar a escola no tempo regular foram:

- Preconceito com minha deficiência.
- Na época morava no interior, e as escolas disponibilizavam estudo só até a 4ª série.
- Cuidar do filho.
- Fato de morar pra fora.
- Não tinha escola perto, nem condições financeiras de estudar em outro lugar.

Quadro 7 – Outros motivos / desistência (Fonte: o autor).

Esse abandono escolar em idade regular acontece com milhares de jovens que primeiramente precisam pensar no seu sustento e com a falta de incentivo familiar, por diversos motivos, e sem as condições necessárias para permanência na escola, acabam se perdendo pelo caminho, ficando à margem da sociedade, sem oportunidades, vulneráveis a exploração do capital. A escola se torna algo dispensável e supérfluo.

Muitos ingressam muito cedo no mercado de trabalho e não conseguem enxergar a serviço de quem e/ou do que está. Sem motivações ou incentivo acabam gerando uma legião de contingentes que ficam longe dos bancos escolares e sem perspectivas. Não havendo outra opção, acabam explorados, ou melhor, engolidos pelos mecanismos do capitalismo. Assim, com “sorte”, procuram mais tarde se inserir na EJA para compensar aquilo que não lhes foi oferecido em tempo regular.

O entusiasmo e a emoção dos egressos ao narrar as suas trajetórias cotidianas expressam muito o que representa e o que foi o PROEJA em suas vidas. São vencedores que tiveram que conciliar as demandas familiares, o trabalho, a frequência nas aulas e as tarefas escolares, totalizando três turnos de trabalho diário, sem descanso.

Notamos que os egressos do PROEJA com idade mais avançada retornaram aos estudos não por uma certificação para o mercado de trabalho, mas pela sensação de estar cumprindo um desejo que ficou para trás por muitos anos, pelo sentimento de inclusão no ambiente escolar, o qual não foi consolidado pela falta de oportunidade/condições/interesse, pelo não consentimento dos pais/cônjuges, pelos deveres com a criação dos filhos ou pela necessidade de trabalhar para o sustento e para a sobrevivência da própria família.

Com ingresso em 2012, idade entre 41 e 50 anos, separada, com três filhos, o **Egresso 3** relata na entrevista:

Quando eu comecei estudar era para fora e lá era só até a quarta série, nem pré não tinha. Eu parei porque ali, no interior de Nova Palma, não tinha transporte para a gente ir. Naquela época os pais da gente gostavam que ficássemos só trabalhando né, que se perdia tempo estudar, daquelas pessoas que não incentivavam! Aos 17 anos eu casei e vim morar em Júlio de Castilhos.

Já o **Egresso 4**, ingresso em 2013, com mais de 50 anos, separada, 1 filho, não trabalha fora e acaba de concluir o bacharelado em Administração no IFFar, relata que não deu sequência nos estudos em idade regular pois casou-se cedo e seu primeiro filho era deficiente: “*depois que eu perdi ele eu voltei a estudar, fazia 30 anos que eu não estudava, que eu havia parado. Daí eu voltei, foi muito bom*”.

Todos os egressos entrevistados relatam trajetórias marcadas por dificuldades e anseios por terem interrompido o percurso escolar na idade regular, buscando mais tarde compensar aquilo que, por diversos motivos, não lhes foram permitido realizar. Trouxeram à luz questões importantes para compreender as mudanças em suas vidas e fica muito claro a satisfação e realização, que muito se deve a oportunidade oferecida por uma instituição federal de ensino gratuita e de qualidade.

Com ingresso, no PROEJA em Comércio, em 2014, o **Egresso 5**, com idade entre 31 e 40 anos, casada, 3 filhos (concluiu o ensino fundamental através do PROEJA FIC do IFFar – Campus Júlio Castilhos e cursa bacharelado em Administração no mesmo, o que demonstra a importância das instituições da rede EPT desta relevância, que oportunizam a verticalização, mesmo na fase adulta), aponta dificuldades e afirma que sem o incentivo familiar, se tornaria inviável:

Achei que eu não iria conseguir porque fazia muitos anos que eu tinha parado de estudar, eu havia parado no sétimo ano do ensino fundamental. Se a gente não tiver um apoio para incentivar, nas primeiras barreiras, nas primeiras pedras que aparecem a gente para e fica sentada, se acomoda de novo (EGRESSO 5).

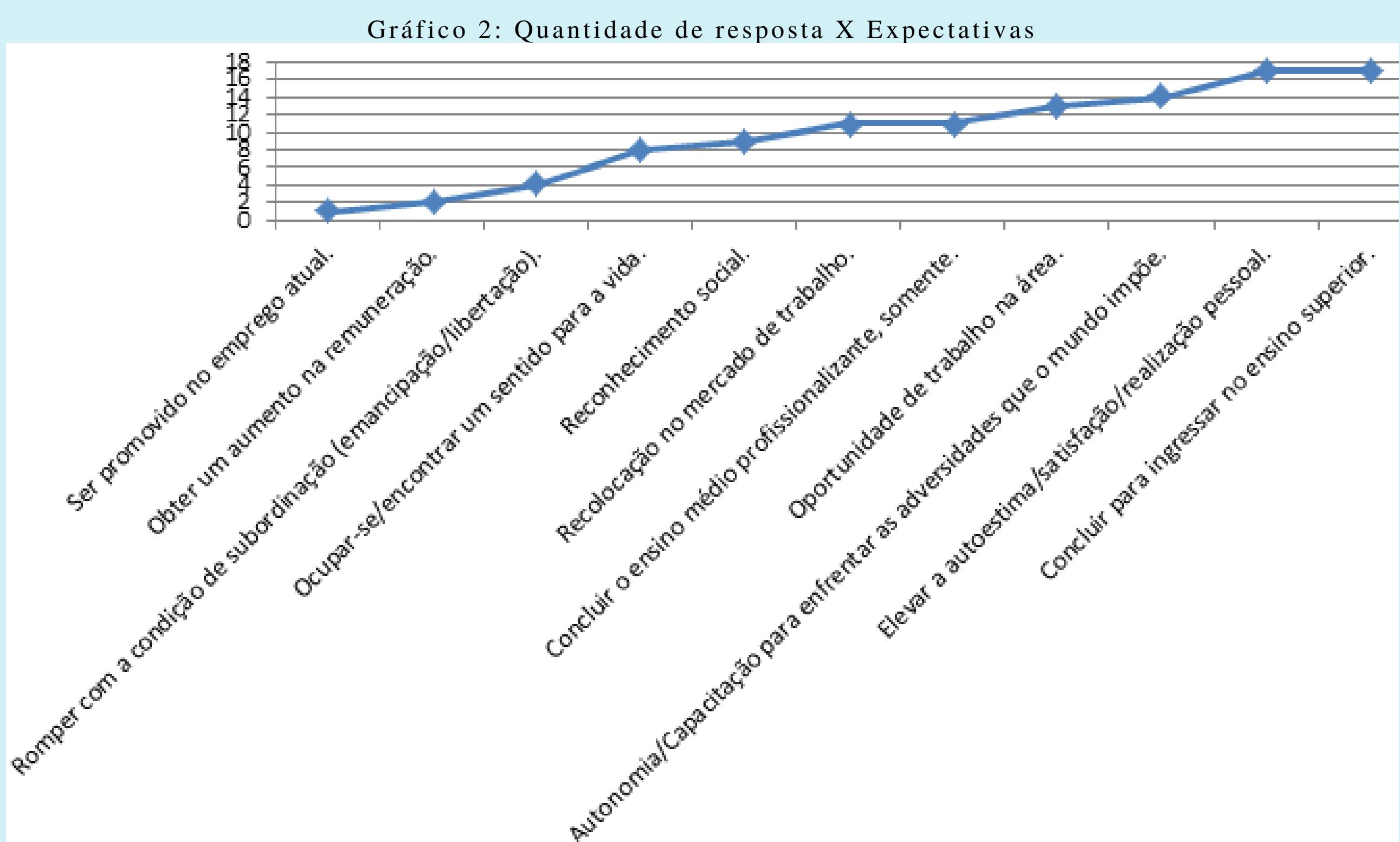
O **Egresso 6**, ingresso em 2015, com idade entre 41 e 50 anos, união estável, 3 filhos, concluiu o ensino fundamental através do PROEJA FIC do IFFar – Campus Júlio Castilhos. Relata que não deu sequência nos estudos em idade regular devido à falta de incentivo familiar e com força de vontade valoriza a oportunidade para a continuidade:

Eu não cheguei a concluir a quarta da série, eu morava para fora e tipo assim, lá atrás isso aí não era importante, era bem mais difícil o acesso e tudo; e daí eu parei e quando eu vim para cidade já fui trabalhar e eu não tinha esse tempo para estudar. Quando apareceu aquela oportunidade eu aproveitei, não perdi, porque eu tinha essa vontade de concluir, de poder dizer que eu tenho ensino fundamental completo, depois o ensino médio né. A princípio era ensino fundamental completo né, aí depois foi indo, foi uma experiência muito boa né. No ano seguinte já ingressei PROEJA em Comércio.

O Egresso 7, ingresso em 2016, com mais de 50 anos, casada, 3 filhos, não trabalha fora. Concluiu o ensino fundamental através do PROEJA FIC do IFFar – Campus Júlio Castilhos e cursa o bacharelado em Administração no mesmo, o que demonstra a importância das instituições da rede EPT desta relevância, que oportunizam a verticalização, mesmo na fase adulta. Relata que não deu sequência nos estudos em idade regular, pois:

Meus pais sempre moraram no interior e na minha época só tinha até a quarta série. Eu casei cedo, com 17 anos e morava no interior né; daí vieram os filhos, os netos e tudo foi indo. Eu não tive as oportunidades para estudar antes, de certo era para ser, que nem eu digo, tudo tem a sua hora certa né. Hoje eu tenho colegas, de sete anos atrás, que começaram comigo aqui em Tupanciretã (PROEJA FIC), fizemos o médio juntos (PROEJA em Comércio) e tem dois que estão também fazendo faculdade (EGRESSO 7).

Quando questionados das expectativas ao ingressar no curso técnico em Comércio do PROEJA, no IFFar – Campus Júlio de Castilhos, obtivemos as seguintes respostas apresentadas no gráfico 2:



Houve relatos da procura do curso e ansiedade para conclusão em decorrência da busca da empregabilidade, por serem oriundos de famílias trabalhadoras, onde o acesso à educação, em uma correlação idade-série havia sido negado, mas para os quais representava a possibilidade de pleitear um emprego.

Essa perspectiva de empregabilidade, de autonomia, de capacitação para enfrentar as adversidades que o mundo impõe, a partir da formação recebida no PROEJA Técnico em Comércio, esteve presente nas expectativas de parte dos egressos. Observa-se, na busca da formação, a procura da melhoria de qualidade de vida, no sentido pleno, ao manifestarem a autoestima, a satisfação e a realização pessoal como preponderantes, além da possibilidade de ingresso no ensino superior.

É evidente a preocupação com o reconhecimento social, com a recolocação no mercado de trabalho ou oportunidade de trabalho na área de formação. Em relação ao mundo do trabalho, neste sistema capitalista vigente, para se apropriarem de condições mais dignas de disputa e concorrência às poucas vagas de emprego, há de se ter, a partir de uma perspectiva classista e degradante de trabalho, pelo menos o diploma de Ensino Fundamental e Médio, do contrário o próprio sonhar com o trabalho-emprego é negado pela situação de exclusão a que são submetidos os trabalhadores e as trabalhadoras. Numa dinâmica que se organiza rapidamente em novas configurações, enfrenta-se a contradição do sistema capitalista, no qual os trabalhadores nem sempre conseguem perceber as novas formas de exploração de trabalho e as novas formas de resistência e luta em defesa de seus direitos.

Vislumbramos uma sociedade que inclui e valoriza a classe trabalhadora, formando-a em sentido pleno. Contrariamos a perspectiva política de formação que promove a dualidade educacional, ou seja, a separação da formação geral/básica para um lado e formação profissional para outro, a formação parcial para uns e formação por inteira para outros.

Neste sentido, o Egresso 1, ingresso em 2010, com idade entre 31 e 40 anos (possui curso superior), casada, 1 filho, optou pelo PROEJA em Comércio: “*para ter alguma noção de administração, marketing, um pouquinho da vida social fora de dentro de casa, juntamente com ensino médio. Daí eu consegui conciliar os dois juntos, um técnico junto com ensino médio*”.

Na mesma linha, frisando a importância da integração da educação profissional com o ensino médio, o **Egresso 2** (ingresso em 2011, com idade entre 22 e 30 anos, solteiro, não trabalha, cursa o quinto semestre do curso de Direito) relata:

Eu venho de uma origem humilde, de uma família que não tinha muito poder aquisitivo e eu nasci com uma deficiência física. Acabei ficando de 3 a 4 anos afastado da sala de aula, quando eu ouvi na rádio, na época, sobre a oportunidade de alunos poderem concluir o ensino médio tendo como agregado, como um bônus, um curso técnico, um curso de profissionalização, que era o PROEJA em Comércio.

O **Egresso 5** menciona a ansiedade e as dificuldades que enfrentou para buscar uma condição de ensino mais digna: “*no meu pensamento seria só terminar o ensino fundamental para ter um diploma de oitava série. Antigamente a gente tendo o diploma de oitava série (ensino fundamental) parecia que era tudo né*”. Já no ensino médio, no PROEJA em Comércio, conciliando sempre com o trabalho e problemas familiares, aponta: “*daí tinha que viajar; a gente saía daqui (Tupanciretã) 18h e 15min e retornava, às vezes, perto da meia-noite, quando não davam problemas nos ônibus, atolamento*”. Cita que sempre perseverou: “*com aquele pensamento de terminar meus estudos até mesmo para a gente ter um serviço melhor, porque a gente tendo um estudo a mais, a gente consegue uma coisa melhor*”.

Já o **Egresso 7** relaciona o seu problema de saúde com a volta aos estudos:

O tempo de voltar a estudar, eu costumo dizer, que era para ser. Eu tinha entrado numa depressão muito grande há alguns anos e foi difícil para mim conseguir sair da depressão. [...] Daí escutando o rádio, certo dia, eu vi que o IFFAR – Campus Júlio de Castilhos oferta cursos para quem não concluiu o ensino fundamental (PROEJA FIC). A melhor coisa é a gente ocupar a cabeça com coisas úteis, que só vem agregar para a vida da gente. Daí terminei o ensino fundamental e resolvi fazer o ensino médio (PROEJA em Comércio), o que me abriu bastante a mente.

É importante firmar compromisso e consciência educacional, por parte de educadores, especialistas e gestores, na defesa de uma escola que imponha para todos, a perspectiva de formação integrada, emancipatória, confrontando contrariamente à perspectiva da emergencialidade e aligeiramento com finalidade da empregabilidade, gerados pelas necessidades impostas pelo sistema capitalista que influencia e aliena o sujeito. Afirmamos assim, que a concepção de educação somente para empregabilidade, através de cursos de aperfeiçoamento aligeirado, gera limites para o desenvolvimento pleno das capacidades humanas.

Neste sentido, a proposta do PROEJA em Comércio, do campus Júlio de Castilhos, visa o desenvolvimento de processos de formação humana integral, oportunizando aos alunos a preparação para o mundo do trabalho, onde o professor do curso, além dos princípios pedagógicos estabelecidos pela modalidade, conhece os fundamentos da educação de jovens e adultos.

Quanto os motivos que levaram em conta ao escolher o IFFar – Campus Júlio de Castilhos, segue o gráfico 3:



O **Egresso 1**, além de admirar a instituição pela referência em cursos técnicos, relata o motivo da escolha: “*Como lá no IFFar tinha oportunidade de fazer o técnico juntamente com o ensino médio eu achei que deveria ser uma oportunidade boa, para unir os dois*”.

Apontando a referência em cursos técnicos, o ensino público gratuito e de qualidade e imagem do IFFar na comunidade, além de sua localização, o **Egresso 2** percebe o IFFar como uma oportunidade: “*o IFFar tem uma proximidade com a comunidade que é forte e eu acabei indo fazer inscrição, fiz a minha matrícula e concluí meu ensino médio, com um agregado, eu ainda saí de lá técnico né*”.

Já o **Egresso 6**, ao apontar para a referência em cursos técnicos da instituição, relata que optou pelo PROEJA em Comércio devido o contato e incentivo dos professores das áreas técnicas do IFFar, devido ao PROEJA FIC que cursou. Nota-se esse empenho e dinamismo dos professores do IFFar em orientar e ajudar esses alunos, criando certo vínculo e proximidade (característica importante na EJA).

Defendemos, através deste estudo, que uma instituição, no caso os IFs, se torna referência pela sua qualidade de ensino, quando a forma educacional ou trabalho pedagógico, que não se submete e se restringe ao mercado de trabalho, proporciona e fomenta o desenvolvimento de grande parcela dos sujeitos de sua comunidade local e regional, permitindo mudanças em suas vidas, oferecendo as ferramentas para lutar e compreender o mundo do trabalho.

Para tanto, ao considerar o contexto social por trás de cada sujeito, o trabalho pedagógico no PROEJA exige muita flexibilidade e preparo dos educadores para tornar as aulas interessantes, de modo que não se perca a qualidade e o nível de exigência educacional com a linguagem, contextualização e dinâmica, os quais demandam de formas e olhares diferenciados.

Durante a trajetória escolar destes egressos, fica evidente o sentimento de satisfação em sentirem-se acolhidos pela instituição no ato do ingresso e a motivação e participação assídua nos eventos propostos pela instituição.

Os egressos destacam que o ensino é diferenciado e que a forma mais próxima (calorosa) de administrar as aulas, cria laços e motiva os estudantes. Quanto ao curso e ao IFFar, o **Egresso 1** não relata pontos fracos e aponta que recomendaria para todos, porque:

É maravilhoso, se eu tiver oportunidade eu gostaria de retornar, pelos professores, pela instituição, pelo modo que eram aplicadas as disciplinas. Os professores, que com qualquer dúvida, qualquer coisa, sempre foram muito atenciosos, podíamos perguntar até fora de aula que sempre atendiam.

Nesse sentido, o egresso, destaca ainda a importância das parcerias e amizades construídas ao longo da trajetória na instituição:

Eu tenho até hoje, tanto com os colegas como os professores que foram maravilhosos. Eu pude estagiar em alguns setores no IFFar, então às vezes eu ia para o meu turno à noite e de dia tive a oportunidade de fazer alguns estágios. Foi muito bom, eu conheci o outro lado também que não era só o técnico em Comércio, também pude conhecer os outros “lados” do campus. Eu ia de dia, conseguia visitar, ver as coisas e participar um pouquinho (EGRESSO 1).

Quanto às especificidades do PROEJA, se faz necessário tentar introduzir a realidade dos estudantes, o mundo deles no conteúdo, considerando a riqueza de informações que trazem consigo e a necessidade de transmitir para o cotidiano educacional. Nesse sentido, o **Egresso 2** faz elogios aos professores:

Foram maravilhosos, foram professores que abraçaram bem a proposta do PROEJA, porque sempre foram pessoas que tiveram um olhar especial de saber que as pessoas que ingressam no PROEJA são aquelas pessoas que estão há muito tempo afastadas da sala de aula, aquelas pessoas que precisam de um pouco mais de tempo para retornar o ritmo do estudo, da sala de aula. São pessoas que precisam de um pouco de paciência, porque isso é científico né, conforme vai passando o tempo, se a gente para de estudar, o nosso intelecto fica um pouco mais lento para a questão do estudo, então sempre foram profissionais que tiveram o maior cuidado, o maior carinho em entender que aqueles alunos que estavam sentados eram alunos que precisavam de um cuidado e de uma atenção especial.

O **Egresso 2** cita ainda pontos fortes e fracos do curso em questão:

Os pontos fortes do curso eu acredito que são os funcionários, os professores. São pessoas que tem um conhecimento muito vasto, pessoas que tem uma dimensão de mundo para te mostrar em relação a tudo aquilo que eles te propõem. Eu acho que o ponto fraco é uma questão institucional, eu acredito que o PROEJA em Comércio não seja tão inserido em propostas fora da instituição. Eu acredito que tem tanta coisa, que nem o Bazar do Comércio, tanta coisa legal que o comércio desenvolve e tem muitos eventos, muitas coisas que o PROEJA em Comércio não é inserido. Então eu acho que acaba ficando muito interiorizado, dentro do nosso campus as coisas boas, as coisas que a gente poderia expor frente aos outros, a outras instituições, então eu acho que esse seria o ponto fraco.

O **Egresso 3** menciona como pontos positivos: *“foi muito bom aquelas viagens de estudo, aquilo marcou. Sempre cumpriam horários, estavam sempre prontos, a disposição para te ensinar, para mim foi muito bom, só tenho pontos positivos”*. Conta que sempre teve bastante dificuldade, mas sempre os professores ajudaram, os colegas também sempre colaboraram, ajudaram:

Eu tive bastante dificuldade. A experiência que eu não gostei muito foi a de informática, eu era muito atrasada e o professor não tinha muita paciência comigo, mas eu entendo porque é uma turma que ele trabalha, não é uma pessoa só e eu tinha muita dificuldade para isso. Mas dentro das outras, sempre com professores bons, os colegas também ajudavam nos trabalhos, foi tudo muito bom. Eu não tenho do que me queixar dos professores, todos eram muito bons e atenciosos e com os colegas sempre tive boa convivência (EGRESSO 3).

Já o **Egresso 4** cita o orgulho por representar o PROEJA:

Eu fui para Pernambuco, representando o PROEJA, por causa do Bazar, no qual eu sempre trabalhei muito, sempre corri atrás, eu gostava né, e daí eu fui convidada, eu fui escolhida para ir ao Fórum Mundial em Pernambuco e eu fui com a Mari representando, por causa do Bazar.

Você imagina né, 30 anos sem estudar. Teve épocas que eu tive muita dificuldade, mas fui bem graças a Deus, nunca rodei no PROEJA. Para mim sempre aquilo lá foi uma maravilha para minha vida, foi muito bom, o curso maravilhoso. Os professores incentivaram muito todo mundo, sempre ajudaram, eu principalmente não tenho queixas. Eu só tenho coisas boas para falar do IFFar, eu não tenho nada de ruim para falar.

Como pesquisador desse tema, nesse momento, apesar da grande dificuldade, esforço, dedicação e mudança de vida que todos passaram, notei muita satisfação e força para concluir de todos os egressos participantes e a valorização e gratidão por terem o alcance desta oportunidade. Os egressos também narram a desacomodação e a mudança, tanto suas quanto dos educadores, perante o processo pelo qual passaram.

Perante as dificuldades e trajetória durante o curso, o **Egresso 4** cita:

Tinha muita gente que não tinha tempo. Eu tinha colegas que saíam correndo, que não tinham tempo para tomar banho. Então lá eles tinham lanche, mas saíam correndo para pegar o ônibus. Tinha gente que saía suado, sem ter tempo, mas o curso era tão bom que incentivava mesmo cansados, com fome. Muitas gentes, colegas, saiam suados, com fome, porque não dava tempo. Mas o curso era bom, daí para eles era incentivo aquilo.

O **Egresso 5** lembra que concluiu o técnico em Comércio com bastante dificuldade:

Mas a boa vontade de querer subir na vida, ter alguma graduação, com os professores sempre incentivando. Quando a gente não podia ir, os colegas ajudavam. Eu pouco faltéi, mas quando faltava era por necessidade mesmo, mas os professores ligavam atrás achando que estávamos desistindo.

Menciona que os professores também são donos de casa, tem filhos, tem marido/esposa: “*eles entendem nossa situação né, a gente não é mais nenhum adolescente, [...] quando viam que a gente não estava legal, eles chamavam para conversar, ver o que estava acontecendo, para ajudar. Eu não tenho nenhuma queixa do Instituto, dos professores, funcionários*”. Quanto ao IFFar e à Coordenação do técnico em Comércio, cita que não tem do que se queixar, apontando para o apoio e incentivo de sempre para que pudessem seguir em frente. As oficinas então: “*eu tenho muitas saudades das oficinas do técnico em Comércio, do bazar que nós fazíamos também, eu sinto muita saudade disso, da companhia deles também, a gente sente falta daquela união mais próxima*”.

Quanto as dificuldades enfrentadas no primeiro ano, o **Egresso 6** lembra que a adaptação foi bem difícil e aponta para o ponto forte:

Por mais que seja perto, mas tinha que sair um tempo antes para estar lá, pegar o transporte. A adaptação com os colegas, porque era uma turma grande e tinha pessoas de várias idades, então tinha um pouco de conflito na turma. Foi bem difícil o primeiro ano, mas como eu não sou de desistir, eu segui, com o incentivo de vários professores. Depois, os outros dois anos foram mais tranquilos. [...] O ponto forte era o incentivo. A gente sempre era incentivada a estudar cada vez mais, os professores estavam sempre incentivando para acreditar na gente por mais que a gente tivesse mais idade. A gente sempre foi muito incentivada, eu não tenho um ponto fraco para citar, porque eu gostava muito de lá.

O **Egresso 7** também expõe que só tem a elogiar, que não tem nenhuma reclamação e agradece. Cita que as dificuldades eram o deslocamento e a conciliação com os problemas familiares de saúde. Com satisfação e entusiasmo afirma: “*eu acredito que o que é para a gente ninguém tira! [...] tudo se ajeitava! Quanto ao IFFar, para mim foi tudo mais do que eu esperava, a convivência com os colegas, professores, direção, sempre estavam prontos para atender*”.

Através do PROEJA percebemos que floresce a questão da inclusão e transformação de cidadãos que por algum motivo não frequentaram a escola em idade regular. E isso é importante, pois esse resgate, muitas vezes, os motiva e os transforma em alguém que vai seguir em frente, que vai querer mais depois.

O **Egresso 8**, ingresso em 2017, com idade entre 31 e 40 anos, solteira, 1 filho, não teve incentivo familiar e interesse escolar para o estudo em idade regular, concluiu o ensino fundamental através do PROEJA FIC do IFFar – Campus Júlio Castilhos. Do curso PROEJA em Comércio e do IFFar, como ponto forte, cita do apoio oferecido sempre que necessário e afirma que não tem ponto fraco. Conta sobre o seu ingresso e percurso durante o técnico em Comércio:

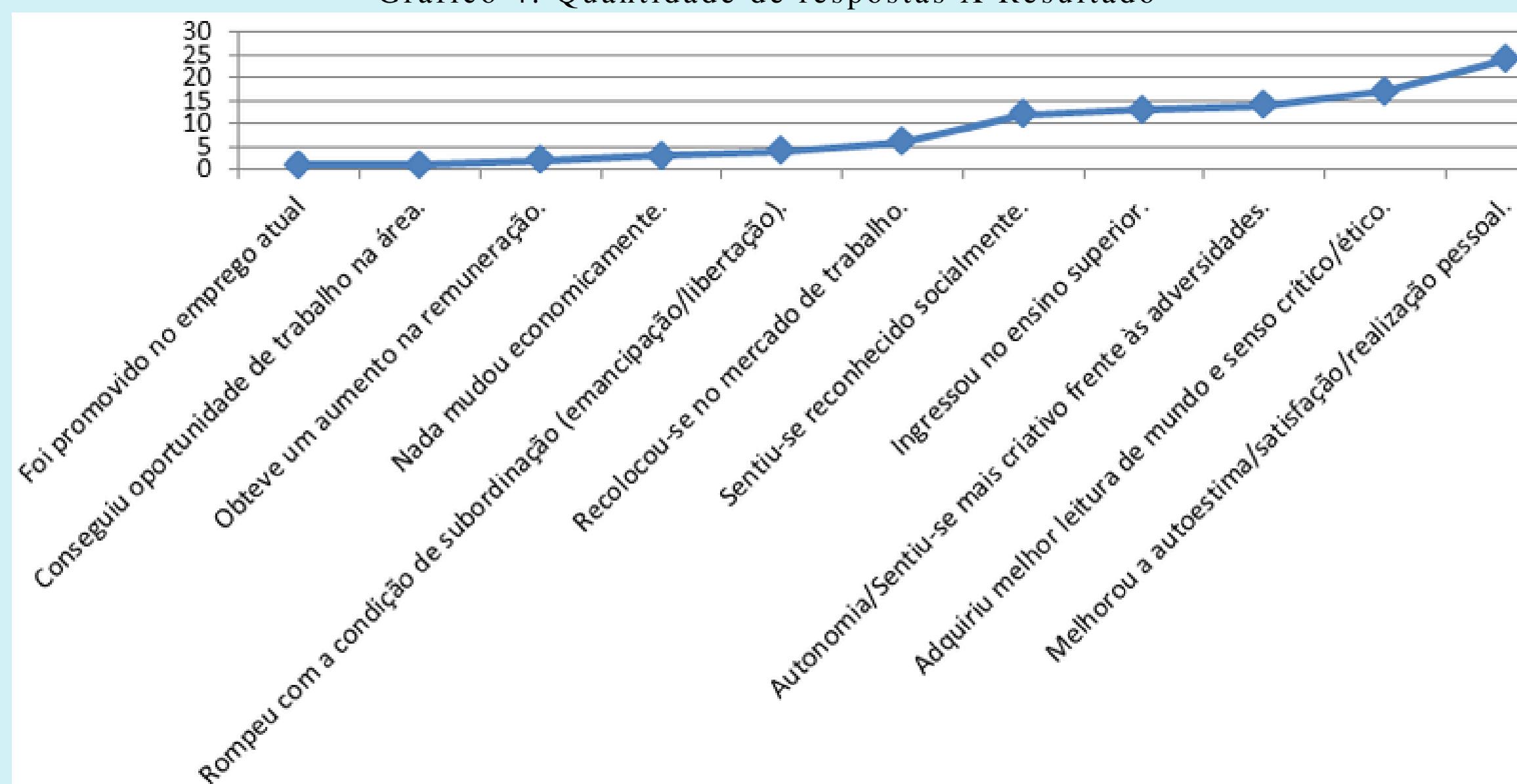
No início era tudo novo, tinha medo das provas e tal, mas depois eu fui me sentindo em casa, comecei a me inscrever nas bolsas. Durante os anos que eu estudei aí, todos os anos eu fui bolsista. Eu não tenho do que reclamar dos professores, colegas, do Instituto, o que te proporcionam aí dentro não se consegue em qualquer lugar, então acho que tu tens que abraçar, meter a cara e eu te digo que não me arrependo, se eu tivesse que fazer tudo de novo eu faria e pretendo não parar, estou fazendo alimentos, pretendo terminar e continuar com alguma coisa. Eu tenho um carinho enorme por todos.

Afirma que teve muita garra para participar do PROEJA em Comércio, conciliando os estudos com o trabalho, família e a vida social; e com saudosismo, conclui:

Não é fácil trabalhar o dia todo, largar do teu trabalho e só chegar em casa para tomar uma chuveirada e ir para a parada pegar o ônibus. Mas eu tive incentivo dentro de casa, eles me ajudaram muito tanto com as tarefas quanto incentivo para não faltar, então para mim não teve empecilho. Por 3 anos eu enfrentei a estrada horrível, um ônibus que não é dos melhores, um cabrito, que te doía todos os órgãos por dentro do teu corpo, naqueles buracos, mas se tu tens força de vontade é o que importa, tu vai e tu luta, agora se tu não tem, ninguém vai te arrastar, ninguém te arrasta, isso tem que partir da pessoa. A oportunidade é imensa, é imensa mesmo (EGRESSO 8).

Responderam que ao concluir o curso no IFFar – Campus Júlio de Castilhos:

Gráfico 4: Quantidade de respostas X Resultado



Fica evidente que esses sujeitos conquistaram, pela educação no Ensino Médio Profissional, para além da relação com o mundo do trabalho, melhoria no sentido pleno da vida, como a autoestima, a satisfação e realização pessoal, bem como a autonomia com melhoria na leitura de mundo e senso crítico/ético. Em um sentido amplo e humano, através dos conhecimentos desenvolvidos e experiências vivenciadas, esses egressos demonstram transformações das suas condições naturais de vida, suas potencialidades e capacidades.

Para mim foi muito bom fazer esse curso, foi onde eu comecei a evoluir, conversar mais com as pessoas, pois eu era muito tímida e não saía muito de casa. Foi muito importante para minha evolução, no aprendizado foi muito bom. A gente adquiriu experiência, foi maravilhoso para mim [...] consegui me libertar, consegui trabalho numa coisa que eu gosto, estou ganhando o meu dinheiro (EGRESSO 3).

Já o Egresso 4 aponta que ao concluir o curso nada mudou economicamente, mas melhorou a autoestima/satisfação/realização pessoal; adquiriu melhor leitura de mundo e senso crítico/ético e ingressou no ensino superior: “*no ano seguinte já entrei na administração. Se eu não tivesse entrado lá eu jamais teria uma faculdade, eu não ia continuar estudando. Aquilo lá foi um incentivo muito bom para mim, os professores ajudam muita gente*”.

Levando-se em conta a categoria trabalho como importante para o entendimento dessa perspectiva formativa no campo da produção de conhecimento, a partir da relação antagônica entre capital e trabalho, consideramos a educação profissional integrada à educação básica como direito da classe trabalhadora, cuja finalidade é a emancipação social e autonomia do cidadão. E neste sentido, percebemos o sentimento de apropriação por parte dos egressos participantes.

Eu tive uma grande mudança em relação a mim, comigo mesma. Tive oportunidade de conhecer lugares, de sair aqui do meu mundo, de ouvir outras opiniões, relatos de vários professores que a gente teve ao longo do tempo. A gente vai aplicando uma coisa aqui, outra ali. É uma questão interna, eu não tive grandes mudanças materialmente, mas sim comigo mesma, de ter outros pensamentos, outro tipo de visão da vida. Então pessoalmente, internamente isso para mim foi muito bom. Tive oportunidades de viagens que se não fosse por ali não teriam acontecido, então agregou muito para minha pessoa, internamente, para meus sentimentos. Tinham professores que ficavam chateados de encontrar algum ex-aluno fazendo uma faxina, mas eu não via isso como problema. Eu tenho esse sentimento, de ter concluído e hoje em dia poder dizer que tenho Ensino Médio. Para mim foi um momento muito bom, uma etapa vencida, uma satisfação bem grande a gente conseguir concluir, não ter desistido por mais difícil que tenha sido, foi uma vitória (EGRESSO 6).

O desafio educacional para atender as necessidades e interesses da classe trabalhadora, considerando a realidade concreta destes, está ligado à promoção da integração da formação educacional plena (social, política, econômica e cultural).

Frente às adversidades que o mundo impõe, os egressos foram questionados se o curso contribuiu para sua emancipação e para o domínio da realidade gerando melhores condições para compreender e atuar no meio em que vivem. Também perguntamos se o curso e o IFFar estimularam o crescimento pessoal e atenderam suas expectativas (autonomia, emancipação/libertação, senso crítico, ética, cidadania, satisfação, autoestima, realização pessoal, reconhecimento social, trabalho, progresso econômico, cultural, enfim, sobre a vida).

Tanto que eu optei por fazer o curso de direito, porque antes de entrar no IFFar eu não tinha a noção do que era esses termos que acabou de citar, do que era a liberdade, do que era ter a sua emancipação, ter o teu lugar, o teu espaço. Eu acredito que muito do que eu sou hoje foi construção do IFFar, foi construção de coisas que eu vivia aí dentro, de coisas que eu aprendi aí dentro, de coisas que me fizeram ser o homem que eu sou hoje. Quando entrei no IFFar eu não sabia calcular taxa de juros, não sabia calcular porcentagem e fui aprender dentro da matemática financeira que o curso proporciona. Então são coisas simples que todo cidadão brasileiro deveria saber [...] até para a gente poder ter uma noção daquilo que está se passando dentro da nossa sociedade. Eu aprendi com o IFFar, foram contribuições que o IFFar me deu para que eu pudesse ter o controle da minha vida de uma forma melhor. Eu fui convidado para um projeto, para escrever um livro com mais quatro pessoas. Eu aprendi no IFFar a escrever um artigo científico, participar de projetos, escrever para revistas científicas, coisas que eu nunca imaginei na minha vida que fosse acontecer comigo. Eu fui procurado por revistas científicas em prol de artigos que eu escrevi [...] quando eu fui receber esse certificado, a primeira coisa que veio na minha cabeça foram as duas pessoas no IFFar que me ensinaram a escrever um artigo, que me ensinaram como eu deveria proceder. Então tu vês que aquilo que te causa bem, que te enche de intelecto, de coisas boas, tu acaba carregando na lembrança, no teu coração sempre, em todas as situações acaba lembrando daquilo e isso é legal, isso é importante (EGRESSO 2).

Neste sentido, o **Egresso 1** relata:

Eu realmente consegui e comecei a perceber tudo no momento que eu fui para o IFFar, onde eu fazia as pesquisas e onde que começou a desabrochar todas as coisas, a visão também. Lá eu conheci algumas pessoas que me deram oportunidade de ter o meu primeiro emprego, aonde eu consegui a me inserir um pouco no comércio, a trabalhar, a conhecer. Foi muito bom, só vantagens mesmo.

O **Egresso 5** afirma que tiveram todo o apoio necessário da instituição, além do incentivo tanto para a vida profissional quanto para a vida particular; e aponta para as mudanças de olhares que se voltaram para si:

Fizemos a formatura em 2018, adorei aquela formatura, foi um troféu. Eu ainda estou correndo atrás de um serviço melhor, mas depois que me formei eu vi muitos olhares mudarem para o meu lado, antigamente eu era só uma simples faxineira. Quando me viram ingressar no IFFar e que era para valer, eu notei que começou a ter um olhar diferenciado pro meu lado. O IFFar é bem respeitado e bem admirado por toda a comunidade. Eu ainda estou fazendo a graduação à espera de um serviço melhor, mas graças a Deus eu não reclamo do que eu faço, a gente tem um ganho, tem um trabalho, porque eu não sou de ficar parada, mas eu quero ainda uma coisa melhor, porque o olhar já é diferente.

O empoderamento é o grande segredo do PROEJA. Essa condição fica nítida ao ouvirmos os egressos. Quando a consciência e todos os esforços institucionais estiverem impregnados para trabalharem neste sentido, em busca do empoderamento daqueles sujeitos que na antiga EJA eram considerados como coitadinhos, certamente teremos êxito em nosso trabalho pedagógico e proporcionaremos a melhoria de vidas. Exaltando a oportunidade, o **Egresso 7** garante que suas expectativas foram superadas e que o curso veio no momento certo:

Eu não trabalho fora por problema de saúde. Para mim o estudo veio na hora certa e eu fui gostando, fui me sentindo útil e estou aí, cursando o quinto semestre da administração, mas tudo começou com um problema de saúde né, que poderia ser levado para outro caminho né! As expectativas sempre superaram o que eu imaginava que ia ser. Hoje a gente acaba entendendo um pouco de tudo, coisas que às vezes a gente não tinha aquela segurança para falar. A partir do curso a gente está instruída, sabe como se comportar, falar dependendo da situação né! Eu me senti útil, mesmo não trabalhando fora né, até em relação as minhas filhas.

Fica evidente, no discurso dos egressos, o sentido do trabalho como atividade ontocriativa, que não se reduz à atividade laborativa ou emprego (mercado), mas à produção de todas as dimensões da vida humana e para o mundo do trabalho. Também fica clara a necessidade de se trabalhar, em sala de aula, a autoestima desses sujeitos, pois a abordagem que expõe uma sociedade que degrada, subordina e explora a classe trabalhadora, pode gerar angústias e sentimento de inferioridade ao evidenciar o quanto são difíceis, complicadas e sofridas as suas vidas.

Abre a cabeça, tuas ideias, tu começas a pensar de outra forma, serve para enxergar um pouco daquilo que tu não enxergavas. Quando eu terminei o curso foi uma conquista né, eu achei que jamais conseguiria chegar aonde eu cheguei. Para muitas pessoas pode não parecer nada, mas para mim é tudo. Em relação ao trabalho também, eu não esperava aquilo ali e surgiu uma oportunidade que para mim era novo, eu te confesso que eu fiquei com medo no início, era muita responsabilidade e tal, mas tirei de letra graças a Deus.

O PROEJA tem uma função fundamental no Instituto Federal e vai de encontro a sua criação, que é atender o público que mais necessita, mais vulnerável, visando a cidadania, a autonomia e emancipação dos sujeitos. É importante buscarmos compreender como o egresso/trabalhador, a partir dessa formação em uma perspectiva integrada, amplia seus horizontes intelectuais, com finalidade a se tornar sujeito emancipado, com autonomia, que cria e recria a sua vida, com ética, consciência social e zelo ao meio ambiente.

No contexto da Educação de Jovens e Adultos, assumindo uma formação para os trabalhadores e para que a educação profissional assuma uma perspectiva integradora e vença esse processo de alienação, precisamos de engajamento político e social. Muitas vezes se passam por despercebidas as decisões políticas que interessam à classe trabalhadora, principalmente no viés do campo educacional, que é onde se podem instrumentalizar os cidadãos. Estes instrumentalizados, imbuídos de conhecimento, de consciência crítica e lógica, propagariam a verdadeira transformação da sociedade. Seria esse o interesse da classe dominante capitalista? Creio que não.

Sendo assim, é responsabilidade do IFFar buscar formar cidadãos conscientes, para que livres da subordinação tenham condições de fomentar o desenvolvimento da região, com ética e senso crítico.

É evidente a capacidade de empoderamento que a educação proporciona para a classe trabalhadora; notamos isso claramente perante os egressos do PROEJA, durante a pesquisa. Com estas oportunidades educacionais, estes sujeitos motivados buscam estudar para que a partir do estudo consigam acesso ao trabalho e condições melhores de vida. O **Egresso 2** afirma que vem de origem humilde e que estudar foi a única forma que tinha para lutar contra um sistema “*no qual a maioria das pessoas que têm acesso as coisas são as pessoas que têm maior poder aquisitivo. A única forma da gente lutar contra esse sistema e vencer na vida seria através do estudo*”.

Cidadãos motivados, interessados, criativos, éticos, solidários, com senso crítico, imbuídos de caráter humano, certamente terão mais chances de êxito em suas trajetórias. E estas devem ser as propostas e o compromisso das instituições de ensino que primam por uma sociedade mais humana e transformada.

Quando perguntado se o curso promove a transformação social, a cidadania e qual seria a importância para a sociedade, o **Egresso 2** responde:

Eu acredito que transforma, porque eu tinha a vontade de fazer direito desde os nove anos de idade, mas como eu não tinha poder aquisitivo para isso, eu não tinha perspectiva de fazer. No momento em que entrei no IFFar essa visão mudou. Eu acredito que antigamente era muito mais difícil pessoas com menos poder aquisitivo estudar, de pessoas buscarem uma capacitação profissional, buscar a sabedoria, o saber. Eu acredito que transforma porque tu vês que tu não és uma formiguinha no meio de uma sociedade, que pode ser um gigante, que pode pensar para frente, que não precisa ficar estagnado sempre na mesmice da tua vida, que pode evoluir, pode ir para frente. Então hoje eu credito 50% ao IFFar de eu estar fazendo um curso superior, porque eu sempre pensava daquela forma pequena, que por não ter dinheiro, não faria uma faculdade. Muitos professores que eu conversei me mostraram que não é bem assim, que tem meios, tem caminhos para chegar lá e hoje graças a Deus, através de muita persistência, muita garra, muita luta, fui atrás, mas credito a minha graduação 50% ao IFFar, por tudo aquilo que eu aprendi e tudo aquilo que o IFFar transformou em mim.

Também, o **Egresso 3** concorda que o curso promove a transformação social e a cidadania; e exalta a importância do curso para as pessoas que não tiveram oportunidade de estudar, para adquirirem novas experiências: “*eu precisava muito disso e agradeço muito a oportunidade de ter participado, para mim foi muito bom mesmo*”. Quanto a sociedade, o **Egresso 5** relata que sentiu na pele:

Quando a gente está numa faculdade, a sociedade olha para gente diferente e bem diferente. O meu sonho ainda é conseguir algo melhor e ser bem reconhecida pela sociedade. Eu me sinto uma guerreira de chegar até onde eu cheguei. Olhando para trás, é ter persistência para chegar até onde eu já estou!

O **Egresso 6** também acredita que o curso promove a transformação social e a cidadania: “*eu acredito que promove, transforma, [...] prepara para seguir este ou aquele caminho, a pessoa não fica limitada, não sei te explicar, mas crescenta sim*”.

Neste sentido, o **Egresso 7** comenta:

Para quem trabalha em loja, aprende noção de marketing ou se tem um negócio próprio aprende sobre as leis, sobre a logística, tudo vem a agregar. Tenho uns colegas que estavam trabalhando na mesma empresa por anos e por não terem o diploma do médio acabavam sempre ficando com o trabalho mais pesado. Hoje, com o diploma de conclusão conseguiram até o aumento de salário. As pessoas ficam mais preparadas, mais qualificadas, mais seguras. Hoje eles podem até estar fazendo o serviço braçal, mas abriu mais o leque, novas possibilidades. Eu acho que a sociedade cresceu muito, ganhou na qualificação. [...] O saber se comportar perante o teu cliente na loja ou no negócio próprio, de como se comportar e ver o que o cliente precisa. Ah, então é infinito o leque de coisas que melhorou pra todos!

Notamos que o sujeito empoderado, com melhor leitura de mundo, se motiva e cria e forças para superar as barreiras impostas por esse mundo globalizado dominado por interesses capitalistas. Mais criativos perante as adversidades que o mundo impõe, estes sujeitos livres da subordinação, autônomos e emancipados, poderão transformar a realidade da sociedade. Neste sentido, o **Egresso 8** aponta através de seu ponto de vista que o curso promove a transformação social e a cidadania: “*sim, ele transforma. Com certeza, eu creio que a partir daí pode-se abrir muitas portas. Hoje em dia, nos tempos que a gente está, se as coisas já são difíceis com estudo, se tu não abraçar uma oportunidade, imagina! É gratuito, as pessoas só não abraçam porque não querem*”.

A realidade nos impõe sempre a pensar sobre concepções de mundo e o tipo de sociedade que visamos quando educamos, neste sentido, **Ramos (2008, p. 1)** questiona e se posiciona:

Visamos a uma sociedade que exclui, que discrimina, que fragmenta os sujeitos e que nega direitos; ou visamos a uma sociedade que inclui, que reconhece a diversidade, que valoriza os sujeitos e sua capacidade de produção da vida, assegurando direitos sociais plenos? Nós nos colocamos, na segunda posição que, em síntese, persegue a construção de uma sociedade justa e integradora.

Entendemos que a educação profissional integrada a educação básica, aquela que dentro de seu processo formativo eleva o cidadão com princípios éticos, emancipatórios e de cidadania, desempenha um papel importante para os primeiros passos de uma transformação social. Reiteramos, como princípios de dignidade e existência de cada indivíduo, a necessidade de acesso aos conhecimentos produzidos pela humanidade, para que estes conhecimentos, integrados a educação profissional, redimensionem as concepções de vida de cada ser humano e da sociedade para que se promova a verdadeira transformação.

Considera-se, então, que a formação profissional de jovens e adultos não pode ser alienado às exigências do capitalismo e sim uma ferramenta para o resgate e potencialização de todas as dimensões humanas de cada sujeito, propondo-se a retirada de pessoas do submundo existencial, da situação de exploração. Uma vez que o PROEJA, na sua essência, trata o trabalho como princípio educativo, consideramos que essa formação profissional, que carrega em sua gênese princípios humanizadores, não prepara os sujeitos exclusivamente para o exercício do trabalho, mas sim, de maneira emancipada, para o exercício crítico e autônomo de suas vidas.

Mediado pelo princípio da integração, consideramos que o **PROEJA - técnico em Comércio do Campus Júlio de Castilhos**, integra as dimensões da vida humana (social, política e econômica), e proporcionou, para além de uma instrumentalização do egresso/trabalhador, a melhor compreensão da realidade no meio em vivem, através do acesso ao conhecimento como direito, potencializando a consciência dos sujeitos na busca de uma sociedade transformada e mais justa.

Referente às suas opiniões a respeito do curso Técnico em Comércio e do IFFar - *Campus Júlio de Castilhos* e das contribuições do PROEJA em suas vidas (**respostas do questionário**), seguem as respostas abaixo dos **31 participantes** (* os egressos de 1 a 8 correspondem à nominação utilizada nas entrevistas):

- 1* - O curso de Técnico em comércio trouxe muito aprendizado, conhecimentos, oportunidades e muito conhecimento em várias áreas que não conhecia. Sou muito grata por tudo.
- 2* - O comércio me fez ver além das paredes que fecharam minha vida em algum período. Um curso de suma importância que ajudou da construção do meu caráter.
- 3* - Aprendizado, conhecimento, evolução.
- 4* - Curso maravilhoso, que me proporcionou muito aprendizado e muitas amizades tanto com colegas como professores.
- 5* - Um curso que veio a dar oportunidade a quem não conseguiu concluir os estudos em tempo normal de escola. Recomendo sempre, fomos recebidos com muito amor e carinho por todos os professores e funcionários e tenho muito a agradecer a professora coordenadora, sempre ativa e disposta, que nos recebeu igual uma maezona, amo ela de coração. Tenho orgulho em dizer que fiz parte do TÉCNICO EM COMÉRCIO, grande aprendizado que levarei para resto da minha vida. E posso dizer sem medo de errar, não foi fácil, mas consegui.
- 6* - Foi maravilhoso, recomendei a várias pessoas. Além do aprendizado, conheci professores maravilhosos que me acrescentaram muito. Viagens.
- 7* - Um curso que merece todo respeito, não deixa a desejar, as contribuições foram positivas, tanto que decidi continuar estudando.
- 8* - Uma grande oportunidade.

- 9** - Curso maravilhoso! Aprendi muito.
- 10** - Ajudou a ter uma melhor visão de mundo com a troca de vivência com os colegas.
- 11** - Curso bom!
- 12** - Superou minhas expectativas, ensino de qualidade, professores altamente capacitados, direção e funcionários sempre prestativos.
- 13** - Boa.
- 14** - Foram contribuições de extrema importância em minha vida. O curso ensina além de matérias técnicas e práticas. Ele tem um grande marco sentimental em nossas vidas, tanto pessoal, quanto profissional.
- 15** - Maravilhoso, nos transforma para sermos atuantes, nos abre o entendimento sobre o meio no qual estamos inseridos e de que forma podemos mudar para melhor. E nos mostra os nossos direitos, o que para mim faz toda a diferença.
- 16** - Uma grande oportunidade pra quem não pôde terminar o ensino médio no tempo certo.
- 17** - Ótimo curso.
- 18** - Adorei, contribui muito no estudo quanto em família.
- 19** - Expandiu meu conhecimento do mundo, das múltiplas possibilidades que posso tomar na vida. Fez-me ter mais autonomia, determinação.
- 20** - Acho muito importante, pois nos ajuda muito e sem falar que dá oportunidade para pessoas mais velhas poderem concluir seus estudos. As contribuições foram muito boas, pois aprendi várias coisas essências para uma vida melhor e mais aberta.
- 21** - Ajudou-me muito a crescer como pessoa.
- 22** - Eu consegui terminar o ensino médio porque apareceu esta oportunidade para quem trabalha.
- 23** - O curso para mim foi o melhor. O IFFar é a melhor instituição gratuita e os professores são os melhores que eu já tive.
- 24** - É um curso excelente, com qualidade de ensino, com professores qualificados, boa estrutura.
- 25** - A melhor instituição e a mais completa que conheço. Agradeço e muito por ter feito parte desse curso, aumentou meus clientes e meu ganho financeiro.
- 26** - Ótimo, ampliou minha visão sobre muitos aspectos.
- 27** - Muito produtiva.
- 28** - Foi bom.
- 29** - Curso foi muito bom, aprendi várias coisas e nele tive muitas oportunidades na área de trabalho. O IFFar foi muito bom para mim, várias portas se abriram. O PROEJA foi muito importante, me trouxe muitas contribuições na vida.
- 30** - Um grande aprendizado que levarei para o resto da minha vida.
- 31** - Um excelente curso, oportunidade para crescer mais.

6.1- Considerações Finais

É claro o diagnóstico do impasse causado pela globalização do capital. Somente alterando as relações sociais que produzem a desigualdade social e assegurando os direitos sociais básicos, como a educação básica gratuita, unitária, politécnica ou omnilateral, buscando o possível, antevendo um futuro diferente do presente, baseados em princípios norteadores como igualdade, qualidade educacional, gestão democrática, liberdade, autonomia e propondo uma ruptura entre o pensar e o fazer, entre a teoria e a prática, conseguiremos vislumbrar dias melhores.

Com a criação dos Institutos Federais e fortalecimento da Rede de Educação Profissional e Tecnológica criaram-se novas perspectivas, uma luz no fundo do túnel para a classe trabalhadora, que antes não tinham alternativas, assim, deixavam em segundo plano os estudos para inserir-se no mercado de trabalho com a finalidade de garantir a subsistência, pois, o ensino profissional de qualidade ou superior era privilégio das elites ou daqueles que dispunham de tempo livre e de recursos suficientes para ingressar no ensino particular. Ainda muito tem para ser feito e talvez, por eu sempre ter pertencido à classe trabalhadora à qual os acessos ao ensino e os direitos, constantemente, são negados, é que valorizo cada vez mais a expansão e o fortalecimento da Rede EPT, para que seja instituída e consolidada como política pública prioritária em nossa nação.

A expectativa é de que a pesquisa proposta aqui seja um fator de reflexão e de provocação para um olhar com foco na formação do sujeito que esteve afastado do processo escolar e que busca no PROEJA uma retomada, carregando consigo dificuldades, traumas, frustrações e angústias. As abordagens presentes neste estudo auxiliam para as reflexões continuadas que são fundamentais para o permanente aperfeiçoamento do PROEJA dentro do Campus Júlio de Castilhos e do Instituto Federal Farroupilha. Da mesma forma, espera-se que estas provocações sirvam de ferramenta e de incentivo para que ocorram melhorias nas práticas educacionais do ensino médio integrado, assim como, em tempos sombrios e de descrédito do funcionalismo público, para que possamos aprofundar e efetuar novas pesquisas em prol da conscientização, da valorização e da divulgação da importância que o PROEJA e a rede EPT tem perante a sociedade.

Desta maneira, espero que o estudo aqui desenvolvido possa contribuir para a valorização e melhoria do referido programa; com o desejo que esta política educacional se perenize em prol da classe trabalhadora e dos menos favorecidos, sendo entendida aqui, para além da mera exigência do mercado, uma política educacional voltada para a construção de uma sociedade brasileira mais justa e democrática.

Perseguir um modelo de sociedade com um sistema educacional mais acessível e igualitário à educação básica, pública, gratuita e de qualidade, independente da origem socioeconômica e do nível de escolaridade conquistado pelos cidadãos é passo importante para a formação de sujeitos éticos, autônomos, críticos, com maior autoestima, preparados para o mundo do trabalho. Assim, poderemos gerar sujeitos capazes de desenvolver suas potencialidades nas áreas escolhidas, de forma que essa formação profissional não os deixe subordinados e submetidos à exploração e acumulação da economia capitalista, mas para sua emancipação de ser criativo frente às adversidades que mundo lhe impõe.

Temos o discernimento que o caminho é longo e disputado quando se fala em ensino médio integrado à educação profissional, ainda mais se tratando da educação de jovens e adultos.

Acreditamos que as práticas pedagógicas que se baseiam no trabalho como princípio educativo, com organização educacional ancorada em concepções críticas e humanísticas, podem potencializar esta formação integral e a práxis humana. Foi-se o tempo de permitirmos uma educação que organiza o trabalho dividindo o pensamento e a ação, que no ato de educar não integra e divide tempo para os conteúdos teóricos e tempo para as atividades práticas.

É necessária a inversão desta realidade onde o trabalho surge como princípio de desumanização, de maneira em que o trabalho se torne princípio educativo. Assim, através deste trabalho e argumentação que dá luz e destaque para uma educação integrada, libertadora e emancipadora, demonstramos que não compactuamos com este “sobreviver precário” e a desumanização da sociedade que vem aumentando, gerados pelas relações do mundo do trabalho e da organização da produção, impasse causado pela globalização do capital, onde uma determinada classe social organiza o sistema produtivo de forma a reproduzir seu domínio social e a opressão e alienação dos trabalhadores.

Consideramos que a educação profissional deva seguir caminho contrário do discurso hegemônico de que a escola pública deve ofertar formação profissional para o pobre de forma a prepará-lo para o trabalho. Acreditamos também que o grande desafio para a educação é compreender as características de cada sujeito considerando sua identidade única e o que carrega consigo através de sua trajetória de vida, estimulando suas potencialidades e construindo saberes para ampliação de horizontes para que se vislumbre, neste mundo repleto de possibilidades, um projeto de vida próprio e próspero, com ética, zelo ao próximo e consciência dos seus direitos e deveres perante a sociedade. É necessário entendê-lo como constituinte de um grupo social, político e cultural, como cidadão, pertencente a uma sociedade.

Os Institutos Federais tem a incumbência de trabalhar os eixos ensino, pesquisa e extensão, articulando a integração entre ciência, cultura e trabalho. Assim, um dos pressupostos é o cumprimento das leis e dos documentos que propõe esta integração. Na realidade, necessitamos de um “olhar diferenciado” para os documentos oficiais e precisamos colocá-los em prática ou tentar praticá-los. Caso contrário, a teoria apresentada não terá sentido para obtermos uma educação mais igualitária e justa.

"Isso implica a necessidade de encontros pedagógicos periódicos de todos os sujeitos envolvidos no projeto, professores, alunos, gestores, servidores e comunidade. É importante ressaltar, mais uma vez, que essa construção curricular implica uma nova cultura escolar e uma política de formação docente; também a produção de um material educativo que seja de referência, mas, de forma alguma, prescritivo" (BRASIL, 2007b, p. 51-52).

É fundamental que o educador tenha um olhar mais cuidadoso, individualizado para os sujeitos da EJA, pois nesta modalidade há uma diversidade de idades e de realidades. É importante o rompimento de rótulos e preconceitos que definem estes sujeitos como fracassados ou pobrezinhos.

Perante a este contexto, os educadores devem estar cientes das prerrogativas deste programa, estando abertos ao diálogo e agindo com flexibilidade na ação pedagógica. No ato do compartilhamento dos conhecimentos escolares, para facilitar o processo de ensino-aprendizagem, é fundamental a busca da contextualização dos conteúdos com as experiências que estes sujeitos trazem consigo e com o meio em que vivem.

Em relação à possibilidade de melhoria das práticas educacionais no IFFar – Campus Júlio de Castilhos e ao domínio das propostas apresentadas nos documentos legais e publicações inerentes ao programa, julgamos de suma importância a realização de formações continuadas, a qual proporcionem momentos de estudos e de compartilhamento de conhecimentos para aprimoramento e para gerar subsídios em defesa do PROEJA.

Ao contrário de uma educação que prepara o perfil do novo trabalhador para as transformações do mercado de trabalho, desejamos uma educação com caráter emancipador, unilateral, que promova a formação integral do cidadão, para que este, dotado de senso ético e livre de subordinação, tenha discernimento para realizar uma leitura crítica de mundo e capacitação para enfrentar, com autonomia, as adversidades que o mundo impõe.

A educação transforma e uma sociedade transformada, imbuída de cultura e de consciência humanizadora nunca mais será explorada ou condicionada.

Não podemos assumir uma perspectiva ingênuas e desconsiderar que a missão é árdua, complicada e demorada, pois o modelo societário existente é excluente, onde a classe trabalhadora sobrevive com condições precárias de existência e é explorada pelas relações capitalistas de trabalho. Assim, para obtermos resultados societários satisfatórios, plenos e duradouros, a médio e longo prazo, consideraria fundamental a imediata concentração de investimentos e de forças voltadas para a educação da nação, inclusiva e solidária, com processos educativos baseados nos princípios defendidos neste trabalho, o qual liberta e emancipa o homem. Neste sentido, consideramos o PROEJA, enquanto política pública educacional, como proposta para atendimento de milhares de jovens e adultos excluídos, assumindo teoricamente a missão humanística e politécnica da educação, pois não fragmenta os conhecimentos humanos.

Mencionamos, portanto, como espaço capaz de desenvolver este programa e processos educacionais emancipadores e promover a possibilidade de travessia para uma sociedade mais justa e sadia, a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, a qual necessita de valorização, compromisso nacional e condições para executar a sua grandiosa missão pela qual foi criada.

Sou a favor da expansão e um grande defensor da Rede de Educação Profissional e Tecnológica, pois sou “cria” de uma instituição pública e gratuita (desta rede) e senti na “pele” todas as dificuldades e angústias que um jovem, sem condições financeiras, pode enfrentar durante sua trajetória formativa. Se não fossem a gratuidade do ensino, moradia e auxílio/monitoria para compensar a alimentação, certamente meu percurso formativo teria se interrompido.

Vejo e reconheço a grande importância destas instituições públicas gratuitas e de qualidade, para oportunizar e abrir novos horizontes, novas possibilidades para a tão sofrida classe trabalhadora do Brasil. Com a visão de resgate da escola como um espaço público, lugar de debate, do diálogo, fundado na reflexão coletiva, sonhamos com escolas que promovam formação integrada, estimulando caráter emancipatório e significativo poder de transformação econômica e da realidade social dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Evidenciamos por meio dos questionários e entrevistas à mudança na vida dos egressos, no sentido omnilateral; na socialização e construção dos relacionamentos interpessoais e familiares; na perspectiva e efetivação de progressão e verticalização escolar para alguns; no crescimento e progressão cultural e de aprendizagem, mesmo diante das dificuldades; na satisfação e autoestima (alegria/felicidade) ao retomarem aos estudos; na realização pessoal e reconhecimento social ao adfhadfh

concluírem este desafio que consideravam ser um vácuo em suas vidas (ensino médio integrado); na cidadania perante a atuação na comunidade com mais senso crítico e ético, reconhecendo o valor da democracia.

Estes sujeitos empreenderam uma verdadeira saga pela busca de um novo diploma, que, embora não os libertaram totalmente dos mecanismos exploratórios do capitalismo, pelo menos, permitiram-lhes um melhor entendimento e maiores condições para resistência e para enfrentamento (ou não), destas forças que ditam as regras deste cenário vigente.

Os resultados não representam uma totalidade dos sujeitos egressos e não nos permitem emitir um parecer definitivo e conclusivo sobre o tema. Trazemos um recorte, sem a intenção de apontar definições, diagnósticos definitivos ou criar conceitos prévios. Assim, através desta pesquisa, mesmo sem mensurarmos e sem grandes evidências de progressos econômicos ou materiais, podemos atribuir a esta formação a transformação social, com rompimentos de subordinações e angústias e com a elevação de sentimentos, emancipação e liberação.

Certamente saíram melhores e adquiriram maior entendimento das relações de disputas da sociedade, as quais interferem diretamente em seus trabalhos e em suas vidas. Assim, com maior lucidez, estes egressos podem continuar lutando por melhores condições e por seus sonhos.

Então, podemos dizer que o PROEJA do Campus Júlio de Castilhos apresenta certa eficiência e eficácia perante aos propósitos do programa, pois promove mudanças significativas ou permanentes nas vidas das pessoas. Assim, refletimos: quem ganha com essa elevação cultural e de vida das pessoas? Somente o sujeito envolvido nesse processo ganha com isso? Creio que não; ganhamos nós, todos nós, pois somente com uma sociedade mais equilibrada, mais justa e mais sadia, todos sairemos vencedores.

Temos que educar para resistir, ter indignação, de maneira em que a luta por cultura, por identidade, por diversidade, estejam impregnado na pedagogia da EJA. São lutas inglórias, culturais (memórias que tendem a ser apagadas), lutas de classes, em tempos difíceis, de sujeitos que lutam contra a opressão. Entende-se que a manutenção desses diálogos e reflexões, constitui-se em ação fundamental e necessária para o fortalecimento e a continuidade desse vínculo consolidado diante de um panorama incerto para EJA EPT no país e na Rede.

O tempo em que vivemos é incerto e de silenciamento para o PROEJA, com muitos retrocessos para a educação. É momento de mobilização e resistência. Sendo assim, é importante mostrar as experiências e as transformações que o PROEJA proporcionou na vida dos egressos, a fim de valorização e fortalecimento deste programa que promove a cidadania e a transformação social.

Espera-se que a exposição de experiências, vivências e debate aqui propostos se ampliem e possibilitem a toda comunidade acadêmica, em especial, aos profissionais da educação, a compreensão dos discursos e práticas que orientam a EPT e o PROEJA e a defesa desta política/modalidade educacional que pode transformar e gerar oportunidades para a classe trabalhadora do Brasil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília (DF): Diário Oficial da União; n. 248 de 23 dez 96.

_____. Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e dá outras providências.

_____. Decreto nº 5.478/2005. Institui, no âmbito das instituições federais de educação tecnológica, o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos –PROEJA. Brasília.

_____. Decreto nº 5.840/2006. Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA. Congresso Nacional.

_____. Secretaria da educação. PROEJA: programa nacional de integração da educação profissional com a educação básica na modalidade de educação de jovens e adultos. Documento Base – Formação inicial e continuada / ensino fundamental. Brasília: SETEC/MEC, 2007.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. PROEJA: Documento Base da Educação Profissional Técnica de nível médio / ensino médio. Brasília, 2007b.

_____. Lei N° 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília.

_____. Decreto Nº 8.268, de 18 de junho de 2014. Altera o Decreto nº 5.154, de 23 de julho de 2004, que regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 41 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

_____. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Reforma do Ensino Médio. Brasília/DF.

_____. Resolução CNE/CP nº 1, de 5 de janeiro de 2021. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica. MEC.

_____. Resolução CNE/CEB nº 1, de 28 de maio de 2021. Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA) e à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e Educação de Jovens e Adultos a Distância.

CIAVATTA, M. A Formação integrada: A escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In FRIGOTTO G, CIAVATTA M. & RAMOS M. (Orgs.) Ensino médio integrado: Concepções e contradições (pp.83-105). São Paulo: Cortez, 2005.

IFFAR. Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Comércio Integrado EJA/EPT (PROEJA). Instituto Federal Farroupilha Campus Júlio de Castilhos. 2020.

KUENZER, A. Z. Ensino médio e profissional: as políticas do Estado Neoliberal. São Paulo: Cortez, 2007.

SNYDERS, G. Escola, classe e luta de classe. São Paulo: Centauro, 2005.